FON
FON
ANNO XXVII — N.º 11
Rio, 18 de Março de 1933
PREÇO: 1$000

Dia de festa...
e presa em casa...

Ella não pode sair por que *está indisposta*. Emquanto os outros, cheios da alegria de viver, vão passear e divertir-se, ella, atormentada pela dôr, abatida pelo mal estar, fica em casa, triste, sozinha, acabrunhada!

Que pena que não se lembre de que a *Cafiaspirina* acabaria rapidamente com essa *indisposição!* A *Cafiaspirina* faz desapparecer as dôres em poucos minutos, regulariza a circulação e levanta o moral abatido. Por ser absolutamente inoffensiva, pode ser tomada a qualquer momento, não só para os incommodos das senhoras, como para as dôres de cabeça, de dentes e de ouvidos, enxaquecas, resfriados, dôres rheumaticas, etc.

CAFIASPIRINA

o remedio BAYER **de confiança**

O conto brasileiro

O EMBUSTE

De Magdala da Gama Oliveira

SYLVIO saltou do bonde como um louco, entrou na pensão galgando rapido a escada, empurrou a porta do quarto, investindo contra a sua pessôa que se reflectiu no espelho e, num gesto brusco, esbofeteou-se.

Em placas vermelhas, kodakizou-se-lhe no rosto as marcas dos dedos. Só então Sylvio ficou satisfeito: reconquistára por suas proprias mãos a honra perdida minutos antes

•

Sylvio era estudante de medicina. Não desejava ser apenas doutor. Repugnava-lhe o titulo. Fascinava-o a sciencia, a vocação irresistivel.

Pobre e sozinho, tinha o orgulho de trabalhar por si e para si. Não temia a miseria total nem os males moraes, porque se governava com austeridade de irmão mais velho, evitando censuras intimas que por acaso pudesse merecer

O homem vive para o dinheiro e para o amor. Amar é mais facil que enriquecer. Emquanto a fortuna não vinha, Sylvio desfructava com volubilidade e largueza as venturas do amor. "Padre e banqueiro — dizia — só se deve procurar quando se ama uma só mulher e se adquire uma fortuna."

Tinha dezena de namoradas; divertia-se ao telephone e em encontros fortuitos nos cinemas, porém nenhuma dellas sobrepujou a atracção que sobre elle exercia o estudo. No quinto anno tinha clientes. E fazia injecções a domicilio para cumprar cadaveres, nos quaes pudesse adquirir pratica cirurgica.

Quando aquella doente moça e ás portas da agonia chegou á mesa do hospital, Sylvio vislumbrou no corpo alquebrado apenas o caso pouco commum, que lhe azafamava o bisturi no gozo scientifico de uma nova operação.

O cathedratico admirou-lhe o enthusiasmo; e fez-se auxiliar, desdobrando theorias e citações, á medida que os tecidos cediam ao aprofundar do gume.

Foi rapida a acção operatoria. Attingido o apice, a ferida foi fechada com envoltorios que se tingiam de sangue. A doente não se salvaria; horas de vida, o necroterio, o enterro indigente... Esses detalhes não importavam ao estudante, demasiadamente habituado com elles. Ficava-lhe a lição preciosa, não lhe interessando o corpo morto, si bem que moço e rico de seiva inutilizada.

Após a desinfecção das mãos, Sylvio despio o avental branco e prendeu a abotoadura nos punhos. O enfermeiro camarada trouxe-lhe o casaco.

— Doutor, tem um homem lá fóra á sua espera.

Quem poderia ser? Algum collega? Quem seria?

Na portaria, um homemzinho mal vestido avançou, chapéo na mão.

— Doutor, queira desculpar, mas foi o senhor que operou a doente numero 25?

— Pelo numero não sei. Qual o caso?

— Isso não posso informar. Veiu para cá com dôres atrozes no peito.

— Sim, já sei; fui eu mesmo. Que deseja?

— Salvou-a?

— Impossivel. Póde ir vel-a; tem menos de uma hora de vida.

O homem reclinou a cabeça como abalado por tremendo desgosto.

— Doutor... — disse — com licença: quer ouvir-me mais dois minutos?

— Pode falar.

— Doutor... ella é minha mulher. Deixa-me dois filhos pequenos... .

— Lamentavel.

— E', mas...

O homem revirou o chapéo sujo na mão.

— E', mas, — continuou — nem sempre ella foi muito como devia ser.. como são to-

(Cont. na pag. seguinte)

EVOCAÇÃO

Tão só, evoco a vez primeira em que te vi
Sob a penumbra azul de um poema vesperal:
— Airoso, o teu perfil, translucido, sorri
No sorriso do luar ao meu tedio lethal.

Evoco teu olhar em que, saudoso, li,
Quando o fitei, sereno, em extases, lyrial,
Todo um poema de amor; e, fitando-o, senti
Estuar o coração no delirio do Ideal!...

Sorriste-me e passaste... E, na penumbra azul,
Do poema vesperal, na tarde em que passaste,
Ficou do teu perfil uma lembrança azul...

E, desde então, tão só, evoco teu perfil
Na Illusão que, ao passar atraz de ti, deixaste
No poema vesperal dessa tarde de abril!

MANOEL M. GRALHA

A MULHER DA ADOLESCENCIA

RAYMUNDO DUPONT, professor no Lyceu Ramus, passeava pelo *boulevard*. Era um dia claro e cheio de sol, desses que fazem a gente evocar os mais doces sonhos da adolescencia.

— Meu bom Raymundo! — disse a meu amigo, encontrando-o. — Antes de tudo: permitte-me felicitar-te por tuas conferencias no Radio Montparnasse. E' apenas meia hora por semana, mas vale por uma encyclopedia de psychologia. E, certamente, não sou eu o único que se mostra encantado com tuas palestras...

— Obrigado — sorriu Raymundo Dupont.

E, depois de alguns minutos de conversação, me confiou:

— Não pódes imaginar quantas cartas recebo! Cartas interessantissimas, com observações profundas acerca de todos os tópicos relacionados com essa vida luminosa ou lugubre, exaltada ou deprimida, do coração humano. Não ha muito recebi uma longa carta com commentarios deliciosos acerca do amôr juvenil, firmados por uma tal Helena. Em um de seus parágraphos, o que mais me chamou a attenção, Helena me dizia: "Você evocou, em sua última palestra, o amôr dos quinze annos. Pois bem: es[se] amôr foi o *nosso*. Reconhece-me, agora, depois des[ta] confissão? Não se lembra dos tempos em que va[gá]vamos pelas florestas accesas de sol e ébrias [de] perfume, pelas florestas propricias a nossas tern[as] e doces expressões de amôr?..." Vês? — prosegui[u] meu amigo Dupont. — Cartas como esta, do mes[mo] tom, recebo ás centenas... Mas voltamos a nos[sa] Helena. Naquella carta, ella me pedia uma ent[re]vista. Uma entrevista em que as palavras não s[e]riam mais necessarias... Mas eu ando já perto d[os] quarenta. E tu bem sabes quão perigosas são, nes[ta] idade, as aventuras sentimentaes... A carta prod[u]ziu-me — por que não dizêl-o? — certa delicio[sa] emoção. A emoção que deve experimentar um la[go] quando a caricia do vento percorre a sua superfic[ie]. Mas... estou casado. Tenho uma encantadora m[u]lher. Dirás que são sempre as mulheres encan[ta]doras as enganadas por seus maridos. De accôrdo. Não me atrevi, no emtanto, a tentar nada. Cheg[ou] o outro sabbado. Falei, deante do microphone, [de] Veneza, a cidade das nostalgias e dos amores. Co[n]tagiado pelo thema, articulei phrases enternecidas...

das as mulheres de bem... Nosso Senhor sabe o que faz.

— Não insulte a infeliz agonizante. Vá despedir-se della e perdôe-lhe!

— Isso depende do senhor, doutor.

— Como?

— Além de tudo, as despesas do enterro... Sou paupérrimo, estou sem emprego!

— Quer dinheiro?

— Si o senhor pudesse...

— Dou-lhe dinheiro, mas fico com o cadaver para estudo, serve?

— Pobre não tem luxo, doutor: serve. Póde ficar por trinta mil reis.

Era um bom negocio. Sylvio não hesitou.

— Feito. Volto daqui a pouco e concluiremos tudo.

— Ora, doutor, seja caridoso! Os filhos es-

O EMBUSTE

(Continuação)

tão com fome; vam[os] decidir já. Digo [de] dentro que o cada[ver] é seu. Póde entreg[ar]-me o dinheiro; sou u[m] individuo honesto.

Sylvio, penalizad[o], entregou as cedulas. [O] homem foi confabul[ar] com o porteiro. Sylvi[o], sem saber porque, vo[l]tou á enfermaria. [E] procurou com os olhos o leito numero 25. En[controu]-o num com[partimento] particula[r].

A doente quasi mo[r]ria. Era uma mulhe[r] rudemente bonita, [mas] bem que maltratad[a] pelas dôres. Ao ver [o] moço, abaixou com [re]cato as grandes pa[l]pebras. Inconscient[e], Sylvio experimentou [a] sensação de que esta[va] ante um objecto que era seu. Gritou for[te] em si o instincto bri[ca]lhão do estudante

De Leon Lafage

Uma segunda carta de Helena, mais effusiva que a primeira, *exige-me* o encontro, novamente. Helena queria ver-me, queria "tornar a ver-me." E tão certa estava da obtenção de seu proposito, que até me indicava as precauções a adoptar. Porque deverás saber que Helena era casada e que... desfructava de excellente reputação em seu bairro.

"Não respondi a suas cartas. Helena devia ter já uns quarenta annos, idade em que nossas parisienses parecem redobrar seus encantos deante da imminencia da despedida... Explico-me bem, não é verdade?...

"Tres ou quatro dias depois, o porteiro de minha casa disse-me que uma mulher me havia chamado pelo telephone. Era Helena, sem duvida. E deixára seu numero, para que eu falasse com ella logo que chegasse. Nada disso fiz eu. No dia seguinte, o porteiro, certamente subornado, me interceptou o passo, obrigando-me a penetrar a cabine do telephone. No apparelho, respondeu a meu "Allô!" uma divina voz de mulher. Senti-me, confesso-o, como que embriagado. De impaciencia, sim.

"Ficou combinado o encontro em um café. E, durante vinte e quatro horas, conheci todos os nervosismos de um adolescente que guarda sua primeira entrevista de amôr.

"Sahi de casa ás quatro e meia. Devia encontrar-me com Helena ás cinco. Cheguei ao café com um quarto de hora de antecipação. Helena estava alli. A principio, não reparei nella. Procurei com a vista uma mesa afastada. A mais distante estava occupada por uma senhora monumental. Dirigi-me a outra mesa, sentei-me e... a dama monumental se levantou!

" — O senhor Raymundo Dupont? — perguntou-me, com voz suave e cariciosa.

" — Para servil-a, minha senhora.

" — Minha Helena não poude vir — pensei. — E mandou esta mulher prevenir-me.

" — Raymundo Dupont! — exclamou a desconhecida. — Ah, Raymundo!... Vamos! Não te envergonhes de olhar-me!... Sim, sou eu... Eu: Helena!...

"Eu, mudo. A mulher continuou:

" — Como foste amavel chegando antes da hora combinada! Tenho tantas coisas a dizer-te! Todo o nosso querido passado dormia em meu coração... Eu era um pimpolho, então... Lembras-te?... Lembras-te?... Lembras-te da fonte rumorosa, do caminho semeado de flores..., do primeiro beijo e... dos outros?... E daquella noite de luar em que...

"Eu olhava perplexo aquella mulher enorme e sem

O EMBUSTE

(Conclusão)

Lembrou-se então das palavras do marido pállido... "Nem sempre ella foi muito como devia ser..."

— Quer alguma coisa, bellezinha? — perguntou.

E afagou-lhe a fronte banhada em suores agonicos.

O corpo da enferma repelliu a caricia num estertor.

— Pobrezinha...

E Sylvio tentou pegar-lhe a mão, que se contrahiu, enrigecida.

— Que pudor tardio é esse, gente?! Quer um beijinho por despedida?

E procurou-lhe os labios com a bôcca insaciavel.

— Caramba! Morreu... — disse Sylvio, recuando. Que pena! Podia viver mais alguns segundos... Enfermeiro!

— Prompto, doutor Sylvio!

— Pode mandar este cadaver para o amphytheatro.

— Mas, doutor...

— Comprei-o do marido. Elle não lhe falou?

— Do marido?!...

— Sim, um sujeito magro, de branco.

— Perdão, doutor Sylvio, mas essa doente é uma noviça do asylo das Irmãs de Caridade!

•

Sylvio procurou o vigarista em todo o bairro do Hospital. Estava louco de vergonha e de remorso. Tinha ganas de matar o embusteiro. Não o encontrou.

E castigou-se por suas proprias mãos, esbofeteando-se como um homem sem honra...

A MULHER DA ADOLESCENCI

(Continuação)

graça. Realmente, ella fazia muito mal em recordar o seu passado com tanta satisfação. O pimpolho era uma flôr desfolhada e sem perfume. "Ah, Dupont! — pensei. "E' este o premio de tuas palestras no radio!"

"Helena, entretanto, insistia em recordar as noites de luar. Para que sua evocação fosse mais impressionante, fechava os olhos. Por que não aproveitar esse momento para fugir?

" — Raymundo! — suspirava ella. — Raymundo! Lembras-te?... E' possivel que tudo aquillo só viva na lembrança? Não poderia reviver tambem na realidade?...

"Suas mãos se haviam apoderado das minhas e mas apertavam.

" — Senhora — resolvi dizer, por fim. — A senhora colloca-me numa situação bem delicada. Eu vim cedendo a sua insistencia, mas com o unico proposito de observar-lhe que estava enganada. A senhora se equivocou, certamente. Todos os esforços de minha memoria resultam inuteis para evocar esse passado commum de que me fala com tanta belleza. Infelizmente, jamais conheci mulher alguma chamada Helena. Nunca vi as fontes rumorosas que a senhora recorda com tanta precisão, nem nunca passeei pelas florestas á luz da lua...

" — Mas... como?... O senhor não é Raymundo Dupont?

" — Exactamente.

" — Então?... Senhor!... Raymundo!...

" — Nesse caso, minha senhora... receio que se trate de uma confusão. Confusão que não será a primeira que me veja na necessidade de lamentar. A senhora deve ter conhecido, talvez, meu homonymo o professor Raymundo Dupont. Sim, professor, como eu. Com a differença de que eu ensino no Lyceu Ramus e o outro Raymundo Dupont ensina no Lyceu Condorcet... Ha coisa de quatro annos, esse Raymundo Dupont esteve quasi recebendo um premio que

— Deixaste, querido, algum espaço para as minhas coisinhas de ultima hora?

A MULHER DA ADOLESCENCIA

(Conclusão)

correspondia ao Raymundo Dupont que lhe fala, senhora... Eu não quero vingar-me de meu collega roubando-lhe um coração que não me pertence e acceitando uma felicidade que meus antecedentes não me conquistaram...

"E assim terminou minha entrevista com a mulher do radio."

Quando Raymundo Dupont pronunciou essas palavras, não pude occultar minha indignação:

— Dize-me — protestei: — e sabendo que se tratava de um engano, commetteste a impertinencia..., para não empregar outro termo menos doce..., de deixar que essa dama entrasse em detalhes acerca de sua historia do clarão de luar?

— Sim. Commetti essa impertinencia. Porque me era agradavel ouvir a voz de Helena, que tinha um pouco esquecida. E asseguro-te que, apesar de tudo, teria recomeçado a historia do clarão de luar, si, entre as mulheres que me escutavam no radio, não houvesse outras menos entradas em annos e mais agradaveis...

— Mas — gritei, — não houve tal confusão? O Raymundo Dupont do clarão de luar eras realmente tú?

— Sim.

— E então?

— Mas, quem não era realmente ella, mas bem outra, era Helena. A acção dos annos a transformára inteiramente... E eu não quero profanar a lembrança daquelle amôr de adolescencia, daquelle amôr cheio de transportes, daquelle amôr feito de beijos e de suspiros, com uma imitação, fingindo... Os homens, entendes?... devemos respeitar as paixões que sacudiram nossa juventude. Tentar revivel-as quando nossa cabeça branqueja e nosso coração pulsa com rythmo fraco, é absurdo e ridiculo.

A voz de meu amigo, antes ironica e firme, tremia ligeiramente, como suas mãos. E pareceu-me notar-lhe no canto dos olhos o brilho inesperado das lagrimas.

— Aqui o tens, meu amôr.

A suprema covardia

(Cont. do numero anterior)

Pois não. Ceiaria. Os homens não deviam aborrecer demasiado uma mulher que ceia...

— A senhora está só? — volveu a perguntar o "garçon".

Sim, estava só. Acceitou tudo quanto o empregado quiz servir-lhe. Comeu lentamente, para permanecer alli por mais tempo.

Acabada a ceia, tomou dois cafés. Comprou uma carteirinha de cigarros e fumou a metade do seu conteúdo.

Os homens olhavam-na e pediam informações aos empregados. Um dos comensaes veiu sentar-se junto della e convidou-a para sahirem juntos.

— Não, obrigada — respondeu seccamente, sem olhar o homem.

Através do fumo dos seus cigarros, olhava o grande relogio do salão. Os ponteiros avançavam lentamente... Quatro horas! Cinco horas!

A's cinco e meia pagou a conta e sahiu.

Era ainda demasiado cêdo. Mas as ruas começavam a animar-se. Chegou á rua Vivienne, alcançou o Palacio Real e passou á rua de Montpensier, precisamente no instante em que os empregados da Limpeza Publica começavam a recolher os detrictos das casas.

Entrou no saguão do predio de sua residencia, passou na ponta dos pés por deante das vidraças corridas do cubiculo da porteira e, sorrateiramente, galgou a escada até o terceiro andar.

Precipitou-se no seu apartamento, como um naufrago. Sentia-se desfeita, mas teve a energia de proceder a sua "toilette", de limpar o calçado, de pôr as roupas em ordem. E apenas cahiu sobre o leito, pôz-se a dormir, profundamente.

* * *

A'S 8 horas, a campainha da porta de entrada despertou-a. Recordou-se, instantaneamente, dos acontecimentos da vespera e teve médo.

Quem batia? A creada, que chegava sempre ás 8 ½, tinha uma chave. Sofia envolveu-se num "robe de chambre" e, enfiando os chinellos, passou ao vestibulo... Que faria, si fosse a policia? Encarára essa possibilidade, formulava as suas respostas... Mas agora perdêra a coragem. Tremeria e diria tudo, si a interrogassem. Emfim, foi abrir a porta. Era a porteira.

— Ah! Vim despertál-a, senhora — desculpou-se a bôa mulher. Mas eu não poderia guardar por mais tempo a novidade... E' mesmo preferivel que eu a previna.

A porteira trazia na mão um jornal dobrado. Sofia teve coragem para conservar a sua presença de espirito.

— Trata-se do meu marido? Da mãe delle? — perguntou-lhe.

— Não, não — respondeu a porteira.

— Trata-se de seu amigo, quero dizer do velho amigo do seu esposo, o sr. Marlier...

— Que succedeu, então?

A porteira preferiu dar-lhe a noticia de um golpe.

— Parece que tentou assassinar um homem.

— Não é possivel! — exclamou Sofia.

— Está nos jornaes. A senhora vae vêr.

Passou ao vestibulo, cerrou a porta atráz de si e levou Sofia para o "livingroom".

— Ahi está — disse ella, estendendo-lhe o jornal. — Traz até a photographia. Vou abrir as vidraças.

Emquanto a porteira se dirigia ás janellas, Sofia deixou-se cahir sobre uma cadeira.

"O crime da rua Olier" figurava na primeira pagina do jornal, em duas columnas, com uma photographia do corpo da victima sobre a maca da ambulancia e outra de Marlier. Em baixo desta ultima figurava simplesmente a seguinte legenda: "Marlier, o assassino". E, em outra linha, este sub-titulo: "Linchado pela multidão". Em toda a chronica policial, não o chamavam mais do que o — *assassino*.

— Não é possivel — repetia Sofia, emquanto ia lendo.

Era impossivel que a verdade não tivesse apparecido logo ás primeiras explicações! Não era possivel que a policia e a imprensa não se mostrassem mais circumspectas, tratando-se de um funccionario irreprehensivel, que, naturalmente, explicára sua innocencia, apenas poude falar.

O jornal não andára com contemplações. Era certo que as circumstancias do crime eram esmagadoras: o ferido apontando-o ás primeiras pessôas que correram em seu soccorro, á sua sahida do predio, a phrase da victima murmurando: "E' elle", quando mostraram Marlier...

— Que loucura! — murmurou Sofia.

— Claro que é uma loucura — concordou a porteira. E quem o diria! Um homem que parecia tão cavalheiro...

Marlier protestára a sua innocencia, mas tinha contra elle a accusação do ferido. Não fôra possivel uma nova acareação, porque o estado da victima era cada vez peor e, segundo as ultimas noticias, os medicos não esperavam salvál-o... As garantias de honorabilidade que offerecia o passado de Marlier? O jornal não levava em conta este pormenor. "Os homens são insuspeitos até que se transformem em grandes delinquentes", affirmava, sentenciosamente, o articulista. E recordava tres casos analogos, justamente naquelle mesmo bairro, cujos autores ou melhor — cujo autor não fôra possivel a policia descobrir.

Durante toda a manhã, Sofia não podia admittir que aquelle erro monstruoso se prolongasse por muito tempo. O jornal, premido pelo tempo, precipitára-se, excedêra-se. Mas tudo tomaria o seu curso normal. Os collegas

RESIGNAÇÃO DE NAUFRAGO — O marinheiro naufrago. — Parece um transatlantico de primeira classe... e vem em nosso auxilio.

O passageiro. — Bem. Só tenho uma passagem de terceira, mas parece que vale a pena pagar a differença...

a chefes de Marlier viriam defendêl-o.

A's 11 horas mandou a creada comprar "O Mercurio". O ferido morrêra ás 8, sem ter podido falar. Na reportagem sobre o crime, chamavam o inspector Marlier apenas de — Marlier — e só o tratavam de assassino. As circumstancias continuavam apparentemente esmagadoras, como nos primeiros instantes da tragedia. A' tarde, algumas senhoras de suas relações, que sabiam da intimidade que a ligavam a Marlier, vieram em busca de noticias. Sofia portou-se corajosamente. Defendeu o seu amigo com dignidade. Falou da sua serenidade, "indicio de uma consciencia tranquilla". No intimo, ella sentia que a sua consciencia, esta, sim, é que estava inquieta. Bastaria que ella se apresentasse á Justiça e dissesse: "O assassino é o homem dos cabellos vermelhos" — para que Marlier fosse posto em liberdade. Mas essa phrase e essa diligencia custariam tão caros! O seu lar destruido. O desprezo daquellas amigas que acabavam de visitál-a. Eram, todas, esposas de funccionarios, esposas irreprehensiveis, que julgavam o adulterio um crime. Ella tambem pensava assim antes da ultima primavera...

E essa consciencia que rugia! E essa monstruosa, essa suprema covardia que a reduzia a uma torpeza humana, a uma criminosa de muito peor natureza que a do verdadeiro assassino! E aquellas mulheres que desejaria pôr pela porta da rua á fóra e cujas phrases e graçolas imbecis não a impediam de manter ou forçavam-na a manter o mesmo aprumo e o mesmo controle!... Podiam vir agora interrogál-a! Sabia como devia portar-se e responder...

Havia ainda tres visitantes em sua sala, quando um estafeta lhe trouxe um telegramma. Berland annunciava-lhe a morte de sua mãe e pedia á mulher para ir reunir-se a elle o quanto antes.

Sofia, com os nervos exgottados, chorou abundantemente. Consolaram-na, prodigalizaram-lhe condolencias e aconselharam-na a demorar a viagem até o dia seguinte, para que tivesse tempo de preparar as suas roupas de luto. Mas não quiz demorar. E partiu na mesma noite. No combolo que a levava, leu e releu o telegramma que a arrancava de Paris, da angustia da comedia que devia representar na presença de todos. Agora tinha o direito de chorar tanto quanto quizesse. E assombrava-se sentindo que já não tinha nenhuma lagrima para derramar...

BERLAND aguardava-a na estação, em plena noite. Elle tambem quiz consolál-a.

Caminhando ao lado de sua mulher, pelas ruas silenciosas, conduzindo-a para o lado da porta, só soube falar-lhe da mãe que desapparecêra. Berland talvez ainda não soubesse do que acontecêra com o seu amigo e collega Marlier.

Sofia não poude permanecer nessa incerteza.

— Não sabes que Marlier...

— Sim, sei — replicou Berland. — Quando penso que o admittimos em nossa casa durante annos e annos...

Ella tentou defender o amigo.

— Diz-se em Paris que elle foi accommettido de um ataque de loucura.

— Louco, elle? — protestou Berland. — Prefiro que não falemos mais neste caso.

Quatro dias depois, regressaram a Paris e o sr. Berland reassumiu immediatamente as suas funcções.

Vinte e quatro horas depois, Sofia recebia a visita do dr. Divoire, advogado de Marlier.

— O meu cliente — disse-lhe elle — pediu-me para vir perguntar-lhe si a senhora não foi por casualidade testemunha do drama que se desenrolou na rua Olier, debaixo das janellas do seu apartamento...

Sofia respondeu friamente, dizendo que não fôra á entrevista marcada e que, em nenhum momento, fizéra o proposito de lá ir. O advogado retirou-se com um rictus de amargura e desprezo na bocca. Mas, no dia seguinte, voltou a apresentar-se a Sofia, desculpando-se. A pedido do seu cliente, realizára uma investigação cuidadosa. E agora estava seguro de que, na noite tragica, ella não fôra realmente á casa da rua Olier. A porteira affirmára que a senhora previamente annunciada pelo sr. Marlier não entrára nem sahira do predio em todo o transcurso da noite. E não lhe occultou que a causa que defendia se apresentava cada vez mais difficil.

Os acontecimentos se encarregaram de dar-lhe razão. Cinco mezes mais tarde, na audiencia do Tribunal, a attitude intransigente de Marlier, as suas affirmações invariaveis valeram-lhe, de um jury de imbecis, suggestionado pela imprensa e a famosa "prova dos autos", vinte annos de trabalhos forçados a despeito dos seus honrosos antecedentes.

Nessa noite, Berland deu a noticia a sua mulher, que já fôra informada pela porteira. Sofia acovardára-se ,temendo pela sua monotona tranquillidade recobrada. Durante as ultimas semanas já se fôra habituando á idéa de um monstruoso erro judicial...

Jantaram em silencio. Mas, ao servir a creada o café, Sofia disse ao marido:

— Talvez fosse preferivel retirar do nosso album todas as photographias de Marlier.

— Naturalmente! — exclamou Berland — E eu que não pensára nisso...

MAS toda essa miseria era inutil. Sofia vivia em progressiva intranquillidade. A consciencia! O remorso! A espantosa covardia! As suas noites eram noites de insomnias implacaveis. E quando, após tantas horas febris, os seus olhos afinal se cerravam, aquillo não era somno, sinão um torpor terrivel, que nada tinha de semelhante ao repouso. E esse torpor era sacudido por sinistros pesadêllos, nos quaes a imagem do desgraçado Marlier — Némesis apavorante — se apresentava á sua imaginação, ora envolta em um sudario, ora com a bôcca ensanguentada, ora envergando a infamante vestimenta do presidio.

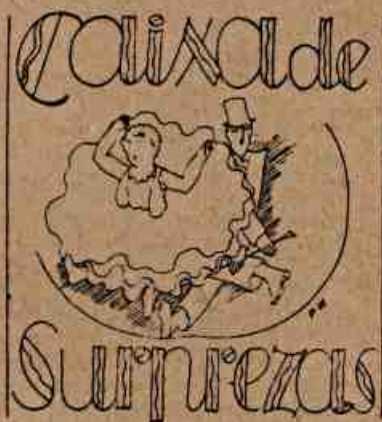
Definhava incessantemente. E era assim a sua vida, um dia atraz do outro, uma noite sobre outra noite, sempre, sempre, a cada hora, a cada minuto... Até que uma manhã, ao despertar, o marido achou-a morta sobre o leito, o corpo crispado, os olhos dilatados numa suprema expressão de horror, as mãos crispadas sobre a garganta por onde passára os mil soluços do desespêro e do remorso...

FAÇANHAS DE SOMNAMBULOS — Um conhecido especialista americano em enfermidades do systema falou recentemente de coisas muito curiosas a respeito do somnambulismo.

O somnambulismo — disse — está ligado á epilepsia mais intimamente do que se pensa.

De um modo geral o que costuma andar dormindo é um companheiro muito incommodo e aborrecido, porque nunca tem nenhuma aventura a contar, muito embora, nas suas escapatorias nocturnas, abra janellas, ande por cima de telhados perigosos, pela borda de arriscados precipicios, realizando, em uma palavra, façanhas que ninguem, acordado, pensaria em executar.

E' extremamente perigoso *despertar* um somnambulo quando em acção, porque em muitos casos poderá sobrevir a epilepsia completa e permanente.

São extraordinarias as façanhas de alguns somnambulos. Chegam a atravessar rios a nado; montam a cavallo e até realizam, ás vezes, seus trabalhos quotidianos.

O caso a seguir é interessante: certo banqueiro russo, inconsciente de seus actos, escreveu uma carta a um dos seus agentes dizendo-lhe que invertesse todo o capital em deposito em um negocio duvidoso de petroleo. Uma semana depois, o banqueiro recebia uma carta de resposta communicando-lhe que estavam cumpridas suas ordens e feito o negocio.

O banqueiro não se lembrava de ter escripto a tal respeito e desgostou-se profundamente, considerando-se *arruinado*. Mas, com enorme surpreza, dentro de dois annos o tal negocio proporcionava-lhe varios milhões de lucros.

Conhecido medico *inglez* menciona o caso de certo cavalheiro irlandez que nadou mais de tres mil metros rio abaixo e, tomando, depois, uma das margens, ahi foi encontrado sem ter a menor noção do que tinha praticado.

Outro individuo desceu, dormindo, a um profundo poço, porem logo que sentiu a agua subiu rapidamente.

Outro foi encontrado ajoelhado no meio de um jardim, a rezar, certo de se achar em um templo.

Ha somnambulos que, dormindo, teem aprendido licções e resolvido muitos problemas. Certa moça, que tinha de fazer um exame, querendo acordar cedo para estudar os seus pontos, levou os livros para o quarto. Ao despertar para entregar-se ao estudo qual não foi o seu pasmo verificando que já sabia tudo! Estudara dormindo e isto occorreu durante varias noites. Sua mãe, a quem ella contou o caso, começou, então, a vigial-a e verificou que a filha se levantava quando começava a clarear, estudava as licções e voltava a deitar-se, sem se lembrar do que tinha feito.

Casar

O Que Toda Moça Deve Saber Antes e Depois Do Casamento

Todos sabem que Certos Terriveis Padecimentos e as mais Perigosas Perturbações Genitaes são Soffrimentos que perseguem grande numero de Mulheres.

Quantas vidas cheias de desgostos e pezares, quantas lagrimas, quanta tristeza e quantos desenganos produzidos por estas tão dolorosas Enfermidades!

Quantas Senhoras Solteiras, Casadas ou Viuvas, que padecem de táo terriveis Doenças!

Quanta Mãe de Familia se considera infeliz, por soffrer assim!

Quem tem a infelicidade de soffrer do Utero sabe bem o que é padecer!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza no Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pelle, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella de alegre que era, passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes!

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**
Sim! Sim!

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comecem hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

GRACIETTE (Pernambuco) — Olá! E', na verdade, um motivo de encanto e de alegria, ser defendido por uma creatura intelligente e bonita, como v. ex. Obrigado.

Li, attenciosamente, os retalhos de jornaes, onde o caso que preoccupa a imprensa pernambucana, produziu tão grande celeuma em Recife.

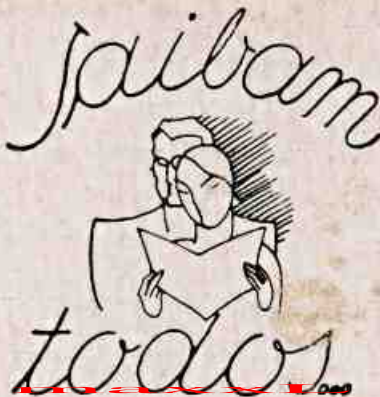
Vi, tambem, que o meu romance "Uma garçonne carioca" nelle entrou como Pilatos no credo...

Eu sou um homem que não dá grande importancia ao juizo, bom ou mau, que se faz delle.

Sei até que ponto chega a hypocrisia humana e de que injustiças é capaz a indignidade de certas creaturas mesquinhas...

Estou certo de que possúo muitos defeitos. Como autor e como homem. Mas, quem se julgar isento de peccados, que me atire a primeira pedra... Como nas Sagradas Escripturas...

Quanto ao resto, devo dizer que não discuto com mediocres. O meu unico orgulho na vida é de natureza intellectual. Eu olho sempre, com um sorriso amavel, mas com um solenne desprezo bem disfarçado — aquelles que estão em plano mental inferior ao meu.

Nesse terreno, só perdôo ás mulheres. Mas, isso mesmo, depende muito do meu estado de nervos e espirito de tolerancia.

Posso, ás vezes, render homenagens de toda sorte, a uma mulher de poucas letras, typo integral da *bas bleu*... Explica-se: nella, o que se deve buscar não é propriamente o espirito, nem a alma, mas tão sómente a somma de prazeres que ella nos possa dar. De modo, que não acho nada de extraordinario um homem intelligente descer, ao ponto de se tornar a uma mulher inferior de cerebro estreito e pouca illustração.

No caso, em apreço, elle nada perderá. Porque, em qualquer das hypotheses, será superior a ella. Fóra disso — não. O homem deve manter acima de tudo a sua personalidade.

PLINIO DE ALMEIDA (Bahia) — Bahia! Bahia é a terra de homens intelligentes como Bento de Campos, Francisco Mattos, Amado Coutinho e outros illuminados das letras e das artes.

Mas, desta vez, o sr. desmentiu essa tradição.

Que pena!

A sua carta é a primeira prova de tamanho insuccesso. Vejamol-a:

"Prezado Snr. Yves. Saudações Affectuosas. Amigo e Senhor: Leitor assiduo que sempre fui da illustrada revista "Fon-Fon", cuja encontra em V. Exa. um excellente auxiliar de almo talento, venho, pela presente carta que ora V. Exa. tem em mãos, pedir-lhe mui respeitosamente para ser contado no numero dos seus collaboradores. Para este fim, remetto-lhe com a devida venia, algumas das minhas producções ineditas, para as quaes espero o seu alto e valioso julgamento.

Pela secção dirigida por V. Exa. espero algumas cousas que me venham pôr a par do que sobre os meus humildes escriptos forem di-

ctadas pelo seu magnanimo espirito de julgador.

Sem mais assumpto para o momento confesso-me seu Amigo Att.° e Cr.° Obr.° *Plinio de Almeida*."

Como vê, a sua carta está mal redigida. E pecca pelo prosaismo da fórma commercial, com aquelle "Amigo e Sr." A carta de um poeta deve ser sempre um poema de belleza literaria e elegancia de estylo. O sr., porém, escreve como caixeiro de armarinho, ou dactylographa letrada. Desculpe a franqueza, sim?

Os seus sonetos estão no mesmo parallelo da sua carta.

Quer uma demonstração mais cabal?

Eil-a:

O LENÇO

Mando-te um lenço; um lenço pintadinho,
Bafejado de affecto e de conforto...
Vae, com elle, a expansão do meu carinho
Rimo d'um peito de saudades morto.

Vou partir... vou trilhar n'outro caminho
Em busca esperançada de outro porto.
Ai!... pedi a Deus que me não mate o espinho
Venenoso e cruel do desconforto.

E o lenço que te dou, este teu lenço
Immortal, de divino affecto immenso
Cheio, enchugarei na ansiedade

Da partida, esses teus formosos olhos,
Emquanto eu seguirei por entre escolhos
Gemendo ao peso de cruel saudade...

Com franqueza!

O seu lenço pintadinho ha de ser coisa barata e de pessimo gosto — comprado em loja de turco ou na feira livre. Um lenço que se manda a uma pequena bonita, deve ser de seda e renda, como os das duquezas do tempo do Rei Sol. Bafejado de affecto? Qual nada! Devia estar humido de perfume... Perfume de Caron. Isto sim... Agradaria á moça...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone 2 - 4116
FON-FON — 18-3-933

Data da consulta...

Nome do consulente...

....

De resto, pensa o sr. que ainda haja alguma pequena que dê importancia a essa coisa de lenço, a não ser quando á grippe é forte? Oh, não perca o seu tempo!

O sr. é um homem que se diverte em... soffrer! Quer dizer, vive a procurar trabalhos e soffrimentos, para a sua alma e o seu corpo.

Fala em seguir por uma "estrada cheia de escolhos"...

Um homem intelligente, quando rompe com uma garota que o não ama, deve dar graças a Deus. Não parte a pé, nem de bicycleta, ou de carrinho de mão. Toma um taxi, e vôa por uma alameda florida ou por uma larga rua asphaltada...

Mas, o sr., funebre e amargo, anda á cata de uma "estrada cheia de escolhos"...

Que triste masoquismo, poeta!

ALGUEM DE ALGO (R. G. do Sul) — A sua collaboração não serve para o *Fon-Fon*. E' infantil. E a sua abundancia apavora! Uff! Não teve pena da minha pobre alma — saturada de literatura má?

Grato pelos elogios que me dirige. Como vê, apezar de me elogiar, nada posso fazer pelo sr.

ROSA MORENA (Pernambuco) — A sua pessôa. Está de accôrdo?

(*Cont. na pag. seguinte*)

FRANCO (Ceará) — Meu caro "Franco"... Para ser *franco* com o sr., devo dizer que a minha *franqueza* é desorietnadora: é dessas que lhe não *franqueiam* as portas do *Fon-Fon*...

Porque, *francamente*, "seu" Franco, o sr. é *fraco* (!!) como poeta, e a sua carta é uma prova dessa *fraqueza* literaria...

O que o sr. escreve é uma coisa arida, encaroçada, cheia de corcóvos, como diria o poeta Eloy Pontes (que em tudo descobre caroços e corcóvas).

Tenho a impressão de que o sr. é gago ou escreve com a bocca cheia de caroços de azeitona...

Será isso, poeta Franco?

Como, porém, não desejo accusar sem provas, dou aqui a sua carta na integra. Carta, aliás, onde o sr. elogia toda a redacção do *Fon-Fon* e me julga de "cara austera, a férula implacavel", etc e tal.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Não, poeta, si o sr. me visse agora, notaria que eu tenho dois dedos na bocca, á maneira dos garotos da rua.... E sabe para que? Para lhe dar uma vaia tremenda. — Fiau! Fiau! Fiau! Fiau!

Agora, vamos á carta:

"Yves: — meus cumprimentos. Todo aquelle que se inicia na litteratura, neste "paiz essencialmente agricola", onde ella — segundo Assis Cintra, citando phrases de outros grandes vultos da nossa intellectualidade — não passa de "uma agridoce illusão" e, por isso, melhor fôra a gente "plantar batatas e criar porcos", — todo aquelle, repito, que, como eu, se quer dar ares de belletrista, por méro dilettantismo, na nossa grande e opulenta terra, maximé no meu Ceará distante, tem a vaidade irresistivel de passar, com seu nome e suas producções litterarias, pelas paginas do *Fon-Fon*.

Não é propriamente uma vaidade — é uma obrigação, essa que, gritando como um toque de clarim, a todos nós, principiantes, occorre sempre.

Isso, por que será? Decerto porque é esse magazine o mais lido e querido no Brasil. E si elle é, assim, de todo o Brasil — é mais do Ceará. Gustavo Barroso! Martins Capistrano! Elcias Lopes! O *Fon-Fon* é um pedaço do Ceará que emigrou.... Aliaz, você deve saber que o destino do Ceará, dos cearenses, é *emigrar*. E eu, no caso, estou emigrando... *espiritualmente*...

Mas, si a gente se mette a poeta, então tem que se submetter á critica, á vontade ao veredictum de fogo do Yves, que é pernambucano. Que perigo! Perigo que semelha uma fogueira cuja luz intensa fascina essas sequiosas e ousadas phalenas — os principiantes —, e cujo calor as inflamma e anima, e lhes faz os olhos lacrimejantes, — mas fogueira que, em se pulando, equivale a uma victoria confortadora e bôa! O Yves!!! O Yves que deve ter, por força do officio, a cara austera, a férula implacavel, os olhos grandes do critico, a vida toda apoquentada pelos chamados poetas, de todos os tamanhos, de todos os matizes de todas as escolas...

Ora!... Já me estou alongando, roubando-lhe o precioso tempo, quando há mais tempo já devia ter-lhe manifestado o meu desejo, o motivo que me impelle a vir bater á sua porta... de ouro e marfim...

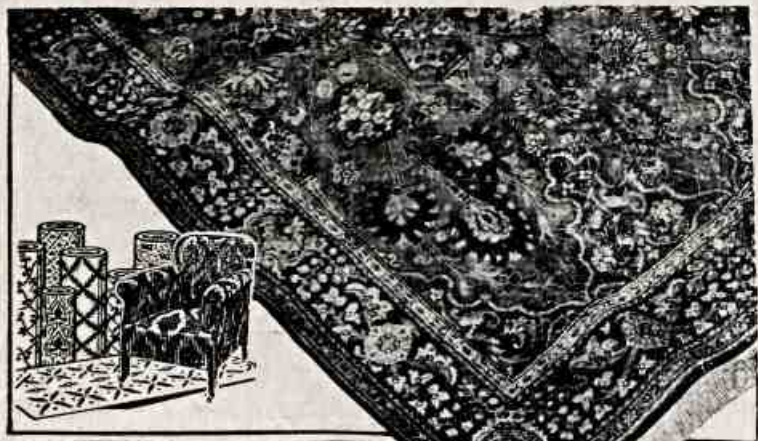
E' isto, Yves: quero que v. me aprecie as inclusas poesias e fazer publical-as no *Fon-Fon*, si possivel. Peço-lhe, tambem, responder, laconicamente, pelo "Saibam todos...:" e, simplesmente, para o nome com que firma a presente o seu muito admdr. e amo. agradecido: — *Franco*."

Dê licença agora para lhe dar outra vaia. Pelo mau soneto que fez.

Lá vae elle:

MUDANÇA...

A's vezes páro tonto, e me pergun-
[to ansiado,
como quem desconhece a estrada
[que palmilha,
na qual acha tudo êrmo e triste,
[e transformado,
— acaso será esta aquella mesma
[trilha

por onde, feliz, qual um principe
[encantado,
andei cantando, outr'ora, em meio
[á maravilha

do caminho esplendente, e de relva
[juncado,
que hoje o sol não doira e onde a
[illusão não brilha!

A casa, branca e azul, e alegre de
[de outras éras,
está vestida em musgo e em trapos
[de esperança,
tem a melancolia, agora, das ta-
[péras...

Na paysagem deserta e nesse
[ambiente mudo,
eu comprehendo, porém, a causa da
[mudança:
—Falta você, meu amôr, por isso
[falta tudo.

Falta tudo, sim, no seu soneto ruim: — harmonia, espontaneidade, elegancia, fórma, fundo, talento, — arte finalmente.

E depois quer o sr. *seu* poeta, que a "pequena" não fuja de um poeta tão pobre de... poesia?

Fiau! Fiau! Fiau!

K. VEIGA (Paraná) — Lá para os lados de Botafogo, nesta capital ha uma rua que, apesar de modernisada, conserva ainda o nome que lhe deram, nos tempos coloniaes: Lá-vem-um. E' a rua Lá-vem-um.

Pois bem, caro poeta "K.Veiga". Esta secção pode tambem chamar-se a secção do Lá-vem-um. Porque, de quando em quando, espirra um poeta de agua doce. E nós podemos dizer: — Lá vem um. Isto é, "lá vem um" poetastro a mais.

Oh, senhores! E' ineluctavel! Esta pagina é a pagina do "Lá-vem-um"...

Quem é que me empresta um revolver? Quero ficar ali á esquina, á sombra do lampeão... E o primeiro poeta que surgir, levará um balaço pelas costas. Cuidado, sr. "K. Veiga!" Passe ao largo! Lá vae bala! E a bala estala, primeiramente, com a sua carta:

"Yves: Tenho a ousadia de hoje escrever-te, para enviar uma poesia de minha lavra para ser julgada e possivelmente publicada no Fon-Fon.

Custei muito a resolver se deveria ou não amolar-te a paciencia com este meu pedido, mas os meus amigos insistiram que assim o fizesse, pois poderia achar benevolencia da parte tua. Caso contrario, paciencia, resignar-me-ei com a cesta. Sem mais um sempre admirador — *Genesio K. Veiga.*"

Agora, o segundo estouro, ou antes, o segundo "balaço", é o seu poema futurista — offerecido á sua distincta noiva, que, felizmente, escapou illesa — sem o mais leve arranhão...

Pum! — Lá vae outra bala...

A TI...

Noite...
As estrellas no ceu,

(*Cont. na pag. seguinte*)

uma alma sonhadora,
pensando.
Um coração em ancias,
sonhando.

Uma nostalgia,
provocada pelo luar,
tão limpido,
tão puro,
minha alma invadia.

Lembrei-me de ti,
desses teus olhos negros
a falarem de amor,
dessa tua belleza juvenil
desse teu sorriso infantil.

Sonhei...

Diga-me, agora, poeta, — acaso foi ferido? O *tiro* terá attingido o alvo? Haverá muito sangue por ahi? Ou o sr. soffreu apenas o susto? E ainda estará por ahi com medo e amarellão?

Vamos, poeta! Coragem! Não tenha medo de bala! Foi uma brincadeira que fiz! O tiro foi de polvora secca...

ROSE BLANCHE (Minas) — Olá! Uma bella mineira? Como é delicada a cartinha branca — branca como a sua alma — que v. ex. me endereça!

Leio-a religiosamente, isto é, com adoração pela sua pessoa e, em seguida, publico-a sem lhe tirar uma virgula.

Eil-a:

"Yves: Escrevo-te de uma cidade pequenina, perdida entre ás lindas montanhas altaneiras dessa gloriosa Minas, que pouco aprecias... assim julgo eu.

E' que nós mineiras temos ciumes da tua preferencia pelas paulistas e rio-grandeses... Se soubesses como esperamos anciosas o sabbado, para lêrmos as tuas chronicas cheias de leveza e finura de espirito!... Adoro o teu modo de escrever e em minha estante de livros ,tem seu lugar de honra o teu encantador "Suave Enlevo"...

Quando sinto a minh'alma cobrir-se pelo véu cinza da melancolia, leio e releio teus delicados versos e elles têm o dom de consolar-me e fazerem com que eu fique menos pessimista para com os homens...

Sim, vejo que ha alguma excepção e que és uma dellas sabendo soffrer, sem fazer soffrer á que amas! Porque ultimamente andas tão avaro, em producções poeticas? Já estou sequiosa por um 2º "Suave Enlevo"... Quando me darás este praser de me deliciar com tuas rimas delicadas como philigranas de ouro? Quando? Responda breve á tua admiradora sincera — *Rose Blanche*."

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

Resposta:

1º — Fico profundamente commovido com as suas palavras gentis. V. ex. mostra que é mesmo uma mineira de élite. Que Deus lhe dê um noivo rico e grande sorte para ganhar no "bicho"... E muita intelligencia, tambem...

2º — Declaro que fui demittido da Poesia Brasileira. Estou com os meus direitos poeticos... cassados... Quer dizer — deixei de ser poeta — "per omnia secula seculorum — Amen". O Brasil já possue muitos delles, e não precisa de mim... Eu me contento com o modesto papel, que exerço de fiscal dos poetastros... e das "poetastras" (?!!)

Gostou?

3º — Juro por tudo quanto é mais sagrado que tenho uma grande admiração pelas mineiras. As filhas da terra de Tiradentes sempre demonstraram ser heroinas e grandes patriotas. Uma prova é o Batalhão João Pessôa que tanto successo fez aqui no Rio, ao seu tempo.

De resto, as mineiras são intelligentes, bonitas e amaveis. E ellas têm todas as razões para realizarem o ideal de um homem exigente.

Que mais deseja que lhe diga — para provar que gosto de Minas e do seu grande povo?

Viva Minas! E viva D. Rose Blanche!

YATAPU' (Piauhy) — Sou-lhe muito grato pela gentileza de suas palavras e sobretudo pela remessa do jornal, que o considera tão humoristico que é capaz de desopilar o figado.

Não ha mal, creio eu, em que a sua missiva seja transcripta na integra.

Leiamol-a, pois:

Theresina, 25 de Janeiro de 1933. Yves. Com tempo indispensavel ao transcurso pelo correio do Rio á Theresina, recebi o volume "Uma Garçonne Carioca" do meu pedido. — A leitura agradou-me immensamente quer pela concisão de estilo quer pelo fundo de verdade que encerra "Uma Garçonne Carioca". E ante a palavra autorisada de W. B. de Abreu e Phaetonte nada mais posso dizer Yves da sublimidade de "Uma Garçonne Carioca", a não ser que os louros conquistados bem mereceu o esforço do Dr. Bastos Portella, que teve por escopo proclamar verdades incontestaveis. E oxalá sirva de exemplo ao menos ás "geunes filles" a quem foi dado manuseal-o, mesmo ás escondidas no interior dos leitos.

Como prova de gratidão pela sua attenção ao meu pedido, tomo a liberdade de remetter-lhe um numero do "O Denunciante", uma das "delicias" da prodigalidade piauhyense. Apesar dos algarismos — 15 — encimarem o cabeçalho como annos de vida do jornal, creio lhe é estranho e sendo Vc. Yves um expoente maximo da cultura literaria, entendido na arte em todas as espheras, convem conhecer "O Denunciante", esta maravilha (talvez uma das sete do mundo) da terra amada de Humberto de Campos e Berillo Neves, pois, se não for util á sua collecção de "preciosidades" servirá pelo menos para desopilar o figado quando Vc. estiver com a banca abarrotada dos seus renitentes e cada vez mais numerosos poetas.

Ademais, pode até ser uma bôa opportunidade Yves, para Vc. deleitar os que conhecem a sua penna e muito lhe admiram (como eu) ainda mais que no dizer de um seu eminente amigo é difficil fazer-se chronicas no momento por deficiencia de materia.

Um affectuoso abraço do Yatapú."

Ainda não tive tempo de ler o jornal a que se refere. Como declara que elle é hilariante, eu lhe fico devendo uma bôa gargalhada...

Está satisfeito?

Yves

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 11

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 18 de Março de 1933

Saudade... Ginzas frias...

DO outro lado do fio, a voz cantante e doce falou:

— No carnaval, nós nos veremos de novo. Sim?

— E antes?

— Antes?

E hesitou:

— Não vale a pena...

— Qual o motivo! — insistiu o rapaz, interessado.

E ella, com melancolia:

— Vou preparar-me para lhe deixar uma impressão bôa e duradoura.

— Ora essa! Acaso já não me deixou essa impressão bôa e duradoura?

— Sim. Mas, com o carnaval tudo passa... E' como um punhado de cinzas frias que se atirasse ao vento...

— E que ás vezes nos cáem dentro dos olhos... — gracejou o rapaz.

— Oh, senhor! Não faça "blague" — lamentou Isa. — Pois eu lhe falo com tanta sinceridade, e você retribúe com essas ironias?

— Não, Isa. Nisso não ha ironias. Ha, quando muito, uma amargura triste. Então, para disfarçál-a, é de bom alvitre sorrir e fazer "blague". Eu procedo como quem canta para não chorar... Ou como quem, passando, alta noite, em frente a um cemiterio, assobia, alto, para afugentar os fantasmas... Está ouvindo, Isa?

— Sim. Mas, perdôe. Não posso continuar no apparelho... Telephonarei amanhã... Adeus.

— Adeus...

* * *

Ouvi attentamente o dialogo. Depois, fiquei a pensar na fatalidade das palavras que estão sempre a me seguir o destino...

Adeus!...

Cinzas frias!...

Ellas me fazem meditar em certas flores mortas, que vão seguindo o curso lento de um rio, boiando sobre a corrente murmurante.

Si o céo é azul, ou pardacento, estrellado ou riscado de relampagos; si as paizagens são tristes ou alegres, feias ou bonitas — o rio, porém, é sempre o mesmo. E as flores que elle carrega, os ramos, as folhas sêccas, os detritos reflectem sempre a mesma melancolia.

* * *

Adeus!

Que é que nos suggére um adeus? A saudade! Oh, a saudade que dóe e amargura sem cessar.

Cinzas frias? Ah, é o anniquillamento... os sonhos, as esperanças, as affeições que morrem e se destroçam... As cinzas, porém, ainda podemos atiral-as ao vento. As cinzas, sim... Mas, a saudade, que, dia a dia, mais cresce no coração?

BASTOS PORTELA

Carnaval Paulista

Mlle. Dorina Gouvêa, uma galante figurinha da sociedade paulistana, com a sua fantasia de Carnaval de 1933.

Na festa de Mme. Louise Reynolds, no Trianon, todo mundo queria jogar com este lindo «baralho» de Carnaval... (Mlle. Daisy Wild).

(Photos Cerri — S. Paulo).

Mlle. Ruth Rodrigo Octavio, cujo disfarce de camponeza não diminuiu, na festa da Hippica, a sua graça de moça da cidade...

MASCARADOS

BOM dia! Como vae você?

— Assim...

— Com este ar melancolico?... Agora, que estamos perto do carnaval?

Nessa altura, o meu amigo sorriu. E, depois de accender um cigarro, como se faz nos romances, voltou-se, grave, para mim, e gemeu:

— Carnaval?... Que tem isso de mais? Não gosto de festas dessa natureza. Quando muito, ao chegar o pandemonio, vou aos bailes, e danço... Mas, danço...

Eu atalhei, sorridente:

— Com as *bôas*... "para além de optimas"...

Paulo Murat não poude deixar de sorrir vagamente. Disse, com lentidão:

— Dançar é um encanto, um prazer. E as *bôas*, com quem dançamos, são, sempre, as damas gentis que nos dão prazer e encantam. No carnaval agradam mais aquellas que são carnavalescas... Este anno, porém...

E hesitou, atirando, longe, a baforada do cigarro finissimo...

— Prosiga, homem! — insisti. — Este anno... Que é que tem este anno?

— Vou entregar tudo ao Acaso. Não tenho, nem desejo fazer projectos de especie alguma. O carnaval, que se prepara e delineia, sáe sempre pelo avêsso. O Acaso é que nos traz, geralmente, as melhores e maiores surprezas.

— Bôas e más... notei eu.

— Sim. Mas, só quero falar das bôas... As más? Que idéa! "Vade retro!..."

Eu disse, então, com um sorriso:

— Talvez tenha razão... Balzac observou uma vez que o Acaso era, em amôr, a Providencia das mulheres... E' possivel que tambem o seja dos homens, no amôr e no carnaval.

— Sim — confirmou Paulo — porque, si ha duas coisas irmãs, que se completem e pareçam tanto, são o amôr e o carnaval. Cupido devia ser irmão de Momo... Não acha?

Discordei do meu nobre amigo:

— Não sou tão pessimista...

— Como não? — bradou elle! Ainda não encontrei uma mulher que não andasse de mascara... Ella passa o anno inteiro a fingir... E, por mais que nós julguemos conhecêl-as, no seu intimo, nos seus projectos, nos seus pensamentos, estamos sempre deante de uma mascarada. De uma mulher mascarada...

— E os homens?

— Sim. Os homens tambem se mascaram e fingem. Mas, com isso, elles se defendem. E' embuste por embuste. Mentira...

Tentei defender as saias:

— Mas, quem foi que começou?

E Paulo Murat, num triumpho:

— Diz a Biblia que foi Eva... no Paraiso Terrestre, com aquella historia da maçã...

A bella «cossaco» que, no Municipal, no Copacabana e no Botafogo, dominou e brilhou, no ultimo Carnaval, apenas com o encanto de seu sorriso, faria a conquista não só de um reinado de Momo, mas de reis, de principes e imperios...

Y V E S

Caverna de Ali Babá

O POLONISMO DE JOSEF CONRAD

JOSEF CONRAD é uma das mais interessantes figuras do panorama literario da Polonia. Entretanto, segundo recentemente o notou Jean-Aubry num magnifico estudo sobre o romancista morto, só depois de seu desapparecimento se prestou attenção ao facto de ser elle polono.

Conrad viveu longos annos na Inglaterra e ali se tornou famoso. Escrevia em inglez. E isso fez com que fôsse na sua propria patria considerado estrangeiro. Como no fundo da alma não se sentisse britannico, essa triste situação de sem patria dava-lhe o profundo sentimento de solidão moral que foi uma das marcas principaes de seu espirito. Todavia, através de taes circumstancias, elle proprio confessa que "uma fidelidade a uma tradição particular podia persistir apesar dos mais estranhos acontecimentos duma existencia desenraizada.".

Essa persistencia do sentimento nacional no fundo da alma do romancista é que fórma o seu polonismo, cujo estudo foi tentado no livro de Gustav Morf: The polish heritage of Joseph Conrad. Para Jean-Aubry, esse polonismo se manifesta sob tres aspectos: o de sua vida propriamente polona, o das influencias literarias que deve ter recebido e o de seu temperamento pessoal, de sua expressão artistica.

O grande escriptor que todos os letrados conhecem sob o nome anglo-saxonico de Joseph Conrad chamava-se em verdade Józef Teodor Konrad Korzeniowski e era originario da zona fronteiriça entre a Polonia e a Ukrania, da Volhynia, descendente duma familia da Podolia. Seu pae, Apolo Korzeniowski, patriota ardente e poeta lyrico, legou-lhe a flamma que lhe ardia na alma.

Joseph Conrad desde a mais tenra infancia foi destinado a uma vida errante, primeiro dentro da patria pelas condições mutaveis da fortuna ou pelas actividades politicas de seus proximos.

Emfim, a tyrannia russa deportou-lhe o pae e, com quatro annos de idade, se viu o unico consolo delle e de sua mãe, que acompanhára ao exilio, onde morreu.

Em 1867, o governo moscovita, sentindo que Apolo Korzeniowski se approximava da morte, concedeu-lhe um passaporte para a ilha da Madeira. Elle não passou, no emtanto, da cidade de Lwow por falta de dinheiro e saúde. Levado para Cracovia, morria em maio de 1868.

Orfão, Conrad foi confiado á avó e a um tio materno. Estudou nos collegios Georgeon e Sant'Anna com difficuldade, porque soffria de horriveis dôres de cabeça. Foi nessa occasião — diz Jean-Aubry — que germinou, desenvolveu-se e explodiu, emfim, nelle o irresistivel e incomprehensivel desejo de ser marinheiro, em Cracovia, entre a igreja de Nossa Senhora e a Porta Floriano, numa criança que nunca vira o mar e não possuia um só ascendente maritimo!

São os annos mais importante na evolução do pensamento do futuro escriptor, que se abeberou na Castalia dos poetas exaltados e se alimentou nos banquetes do romantismo. Afim de escapar ao limitado ambiente da antiga capital polona, elle, que sonhava as immensidades do mar, partiu com dezesete annos para a vida aventurosa que levou na marinha franceza e nos navios inglezes. Durante sua vida de marujo, por duas vezes respirou o ar da terra natal, em 1890 e em 1893. Com a Polonia ligava-o um secreto cordão umbilical: a constante correspondencia com o tio materno que o educára. Morto este em 1894, enterrou as saudades da infancia e, mais livre, seu espirito voou mais alto. Justamente nesse momento o marinheiro se tornava romancista. Em 1896, fundava um lar e, cansado de aventuras, passava a levar a mais caseira vida do mundo. Em julho de 1914, indo á Polonia, ali foi surprehendido pela guerra. "Le destin avait décidé que ce polonais, après avoir couru le monde, se retrouverait sur la terre de ses pères au moment précisément le plus cruel de son histoire."

Apesar da grande reserva que o escriptor punha na manifestação de seus sentimentos pessoaes, no livro Lembranças a parte mais importante e encantadora é justamente a dedicada á terra natal. Nesse volume e em alguns capitulos das Notas sobre a vida e as letras é que se sentem os fortes laços que o prendiam a um triste passado.

(Concl. na pag. seguinte)

A dictincta senhorita Pina Monaco, figura de destaque na alta sociedade carioca e artista cantora de prestigioso relevo em nossos circulos artisticos, casa-se amanhã, no Rio Grande do Sul, com o dr. Benedicto Lopes, poeta e advogado, brilhante collaborador de FON-FON.

Por occasião da festa onomastica do presidente Ignacio Moscicki, o povo polonez visita o chefe do governo de seu paiz, no palacio presidencial de Varsovia.

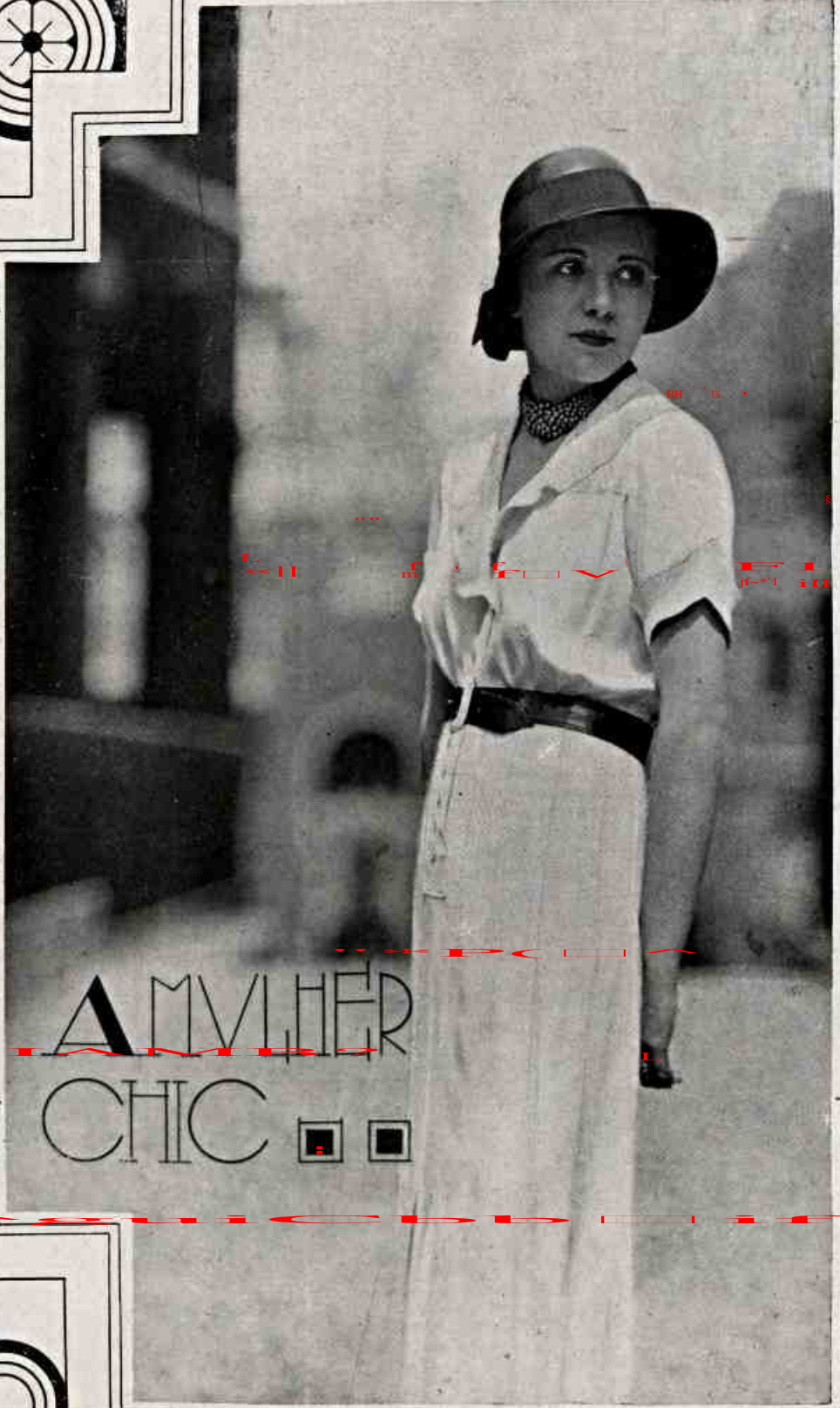
CAVERNA DE ALLI - BABÀ

(Conclusão)

Na sua obra romanesca, somente dois contos recordam a Polonia: O Principe Romano, em que evoca o principe Romano Sanguszko, que vira quando menino, e Amy Foster, pintura da solidão do estrangeiro de nome polono Yanko Góral numa aldeia ingleza do litoral. Parece que no ultimo elle quiz descrever sua propria solidão. Escreveu mais tres ensaios de caracter politico referentes a seu paiz. E foi tudo.

Cunnighame - Graham declarou que elle ajuntára algumas louçanias á lingua anglo-saxonica. E Jean-Aubry aventa: "Não seriam ellas polonas?" No seu inglez, ha talvez certo polonismo de expressão. E o coeficiente polono do grande escriptor é assim esparso, difuso, rapido, ás vezes difficil mesmo de ser comprehendido, porém sempre constante no seu espirito e na sua obra.

SÉSAMO

O professor Sud Menucci, actual director da imprensa official de S. Paulo e uma das figuras prestigiosas dos circulos intellectuaes e jornalisticos do grande Estado, achando-se em visita a esta capital, foi, aqui, expressivamente homenageado pelos seus collegas cariocas, que lhe offereceram um cordial almoço, realizado no ultimo sabbado. E' um aspecto desse agape o que focaliza o nosso «cliché»

Marrocain blanc. Ceinture et chapeau orange.

Manteau de velours marron garni de renard bleu.
Chapeau de taupé marron.

(Photos da Casa Jean Patou especiaes para FON-FON).

DESPEDIDA

Você disse que ia fugir ao bulicio da cidade...

E' natural o enervamento que produz a vida barulhenta do Rio. Vida monótona e neurasthenica. Por isso você ia descançar em uma fazenda do interior mineiro.

Talvez já esteja lá, gozando o encanto da paizagem sylvestre, sorvendo a longos haustos o ar puro e saudavel do campo.

Calculo os scenarios naturaes maravilhosos que se hão de apresentar aos seus olhos contemplativos. Quasi tenho inveja de você!

.. ..

Não a vi partir. Melhor assim, pois a partida é sempre triste e commovente.

Houve um escriptor que pintou com mão de mestre "l'heure du diable"...

E' a hora em que todos fraquejamos. Não a quiz ver, na hora da partida.

Ficou a paizagem nos seus labios — rubros como um incendio de amor...

Ficou a lembrança feliz de minha bôcca, quando desappareceu no abysmo castanho dos seus cabellos macios...

E bebi o perfume que elles exhalavam, como si fôra um ebrio contumaz.

Você, por muitos segundos, ficou algemada no polvo amoroso dos meus braços...

.. ..

Como você vê, ambos temos deante dos olhos scenarios deslumbrantes...

Você partiu, mas não fiquei sózinho: ficou esse quadro encantador na lembrança.

E, hoje — que você está na sala de visitas do meu pensamento, — sinto que não estou sózinho...

Você partiu, mas deixou a Saudade...

PAULA CHAVES

♣ ♣ ♣

ARTE E ARTISTAS

Terra de grandes artistas, a Bahia orgulha-se de possuir sempre jovens talentos e sensibilidades que lhe não deixam nunca esmorecer a flamma da emoção e da belleza. Está neste caso a senhorita Wanda Jatobá, filha do dr. Hildebrando Jatobá, illustre clinico em S. Salvador, e que, ainda entre menina e moça, já é uma pianista de escól, discipula querida do notavel maestro Sylvio Deolindo Fróes, sob cuja orientação acaba de concluir, com distincção, o seu curso no Conservatorio de Musica daquella capital.

Os bonecos de Bob

BOB é uma artista interessante. Suas originaes creações de bonecos brasileiros — isto é, de bonecos reproduzindo typos caracteristicamente nossos — revelam uma intelligencia subtil, apaixonada dos motivos nacionaes, e que está realizando uma obra digna de divulgação, porque intensamente patriotica.

Bob, que esconde a verdadeira personalidade de uma figura de destaque em nossa sociedade, esteve em visita a FON-FON e nos offereceu as photographias que aqui publicamos, communicando-nos, ao mesmo tempo, a proxima abertura de sua exposição de bonecos de panno, que será realizada sob o patrocinio da Associação dos Artistas Brasileiros.

Os bonecos de Bob não são pintados. Suas côres são as côres das fazendas utilizadas na sua confecção. Dahi a originalidade desses typos de panno creados ou, antes, estylizados pelo engenho e pela arte de Bob.

Emfim, vamos esperar a exposição da artista patricia, que será, sem duvida, uma nota nova dentro da velha arte de fazer bonecos...

Dois novos livros de Gustavo Barroso

SEMPRE que registramos o apparecimento de um novo livro de Gustavo Barroso, fazemol-o sob a expansão de dois sentimentos poderosos: o da nossa admiração pelo esclarecido e fecundo espirito, que tanto tem enriquecido o patrimonio intellectual do paiz, e o que, como expressão de affectividade, nos prende, pelo coração, ao querido companheiro da jornada literaria de FON-FON.

Gustavo Barroso e o «fac-simile» de seus dois ultimos livros.

Privilegiada expressão da cultura e do dynamismo espiritual do Brasil contemporaneo, Gustavo Barroso é uma das mais curiosas physionomias literarias do continente sul-americano. E' um literato, na accepção real da palavra, e é um erudito. Porque o seu espirito insatisfeito busca sempre abeberar-se em todas as fontes do conhecimento humano. E vemos, então, a physionomia original do escriptor, sem prejuizo da sua feição primacial, typica, caracteristica, amoldar-se aos mais variados ambientes da cultura moderna, estudando e perquirindo os seus multiplos e mais complexos departamentos.

Assim é que o vemos, de vez em vez, ora surgir com uma obra de cunho verdadeiramente literario; ora apparecer-nos com um ensaio sociologico; ora com um volume de folklore, um trabalho de historia ou de fabulação historica, de pensamentos philosophicos, de critica, de erudição...

Agora mesmo, o illustre presidente da Academia Brasileira de Letras e nosso querido companheiro de trabalho vem de publicar duas obras interessantissimas, qual mais valiosa no seu genero: *As columnas do Templo*, volume em que se revela o erudito — pois é um trabalho de erudição, folklore, historia, critica, philologia, esse — e *Osorio — o centauro dos pampas*, obedecendo á série magnifica de trabalhos sobre a nossa historia que o consagrado escriptor vem publicando, como *A guerra do Lopez*, *A guerra do Rosas*, etc.

Em *As columnas do Templo* Gustavo Barroso enfeixou os seguintes trabalhos: *O folklore no mundo* — *O folklore no Brasil* — *Asinus aureus* — *Notas de folklore* — *O ouro do ouvidor Cardoso* — *Tarzans e Jaguarás* — *Tudo é velho* — *O cyclo de Quibungo* — *O frade e o passarinho* — *Serra-velhas e Charivaris* — *Americo Vespucio e o folklore* — *Cartas de jogar* — *Perversidades folkloricas e Metoricas* — *O pé da Aurora* — *O successor do tatú-mecanico* — *O nobuara do Ceará* — *A exegése da lenda de S. Julião* — *Crepitus* — *O derradeiro verso da Divina Comedia* — *Presagios crueis* — *Ouvir estrellas* — *A nossa lingua e a India* — *Monstrum horrendum* — *Forma Viris* — *Asinus egregius* — *Morbus indecens* — *Etymologias esotericas* — *A lenda de Piracicaba* — *Plenum exilis maris* — *O descanso festivo* — *A tradição e as lendas* — *A mui nobre arte de falcoaria* — *O irmão de Musset* — *O conto de Ali-Babá* — *El alma de Andalucia* — *Vida e morte dos bandeirantes* — *A urucubaca das mumias* — *Mula peperit* — *Adjuntos e vaqueijandas* — *Os fundamentos da poesia brasileira* — *Os mythos amerindios* — *A lingua brasileira* — *Africa e Bahia* — *A arvore chorona* — *O pé de garrafa* — *O café e o Nordeste* — *O sertão e o Mexico* — *Bajulação chorographica* — *O mar e o medo* — *Malungos* — *O folklore hespanhol* — *O simaug do Ceará* — *Lendas de cidades mortas* — *O saber de Salomão* — *Sete cidades* — *Apostillas de folklore* — *Ouro liquido* — *Alegre-Saber* — *Mil e um fantasmas* — *Gaveta de sapateiro* — *Nosso folklore* — *Apáras e achégas*.

Trepações

NO Municipal carnavalesco havia uma escada privativa dos solteiros. Aos pares, arrumadinhos, sentados ao canto dos degráos para não impedir a passagem aos transeuntes, cada rapaz trazia a sua pequena ao lado, e, na meia luz, boquejavam coisas...

Era a escada dos namorados, escada pittoresca, que daria o que falar, si a mocidade de hoje não tivesse uma certa liberdade de movimentos, mui de accordo com os costumes da época. Mas, lá estavam os rapazes e as pequenas em commovente confissão amorosa, idealizando um carnaval mais intimo, sem aquelle vozerio infernal que vinha da platéa do theatro.

Depois das duas da madrugada, o ambiente da escada foi perdendo um pouco o seu feitio pacato, e, de quando em quando, ouvia-se, nitidamente, o chilrear dos beijos, o ruflar de azas de andorinhas assustadas... Coisa simples e tão natural, que o parceiro do degráo inferior não levantava a cabeça para olhar o que se passava no immediato; uma solidariedade absoluta, perfeita, como ao certo não se encontra nem mesmo numa Republica de Camaradas.

Ora... tambem os meninos e as meninas tinham direito de se divertir no carnaval...

Em certa hora, entretanto, chegou um casal *off-side*, que tomou lugar num degráo mais acima. Ella, conhecida dama, grão dez nos annaes da gandaia da cidade. Elle, um medico um tanto cabuloso, com fumaças de notabilidade, para uso proprio...

A rapaziada, quando percebeu a presença do casal importuno, que vinha estragar o encanto da *ala dos namorados*, protestou com um pigarrear estrondoso de garganta. Mas, como os importunos não se deram por achados, uma voz em falsete reclamou:

— Sáe, azar!...

A piada fez o effeito do *flit* em barata cascuda. O medico levou a dama pela mão, debaixo da gargalhada feliz dos namorados que haviam tomado aquella escada para uma deliciosa noite de carnaval...

—SEGURA *esta mulher, que ella quer fugir...*

O ruido infernal da canção carnavalesca tomava todo o recinto do Municipal. As mulheres

A senhorita Leonor Schurig, que é uma galante figurinha de mulher, fez, com os seus olhos claros e o seu cabello côr de oiro, um brilhante successo carnavalesco nas festas do triduo de Momo.

lindas, *synthonizadas*, gargalhavam de cabeças jogadas para traz, presas na altura da cintura pelas mãos masculas e nervosas dos companheiros de danças.

Champagne, ether, musica, a divina loucura dos dias de Momo! E a linda garota, esquecida do marido, percorria o salão enlaçada pelo guapo rapaz, ambos inteiramente alheios ao que se passava ao redor, porque traziam as boccas coladas no juramento de um novo amor, para sempre, para toda a vida!

Era assim que o galante par dançava, sem ligar absolutamnete aos demais presentes, sem pensar na possibilidade de uma tragedia de um marido enganado...

— Oh! coisa bôa que é o carnaval passado nos braços da mulher do proximo! — murmurava uma lingua de vibora aposentada, que assistia ao espectaculo debruçada para a sala, saudosa, naturalmente, dos seus tempos de guerra...

Mas ninguem reparava ali na existencia daquelle jarrão, e todos gritavam, numa só voz:

Segura esta mulher que ella quer fugir...
Roubou meu coração...

Estava certo.

MADAME perdeu a cabeça no baile do grande hotel.

O marido tambem se deixou dominar pelo *champagne*, e, depois de certa hora, esteve por conta do diabo. O resultado foi o peor possivel, porque até hoje estão brigados, sem qualquer esperança de reconciliação, apesar da intervenção energica do casal amigo, companheiro de mesa da noite cheia de estrellas...

Mas, até certo ponto, a briga entre *madame* e o marido não é razoavel...

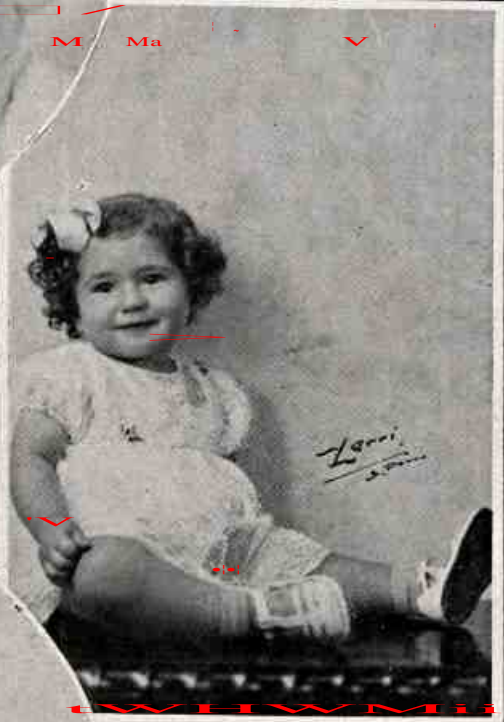
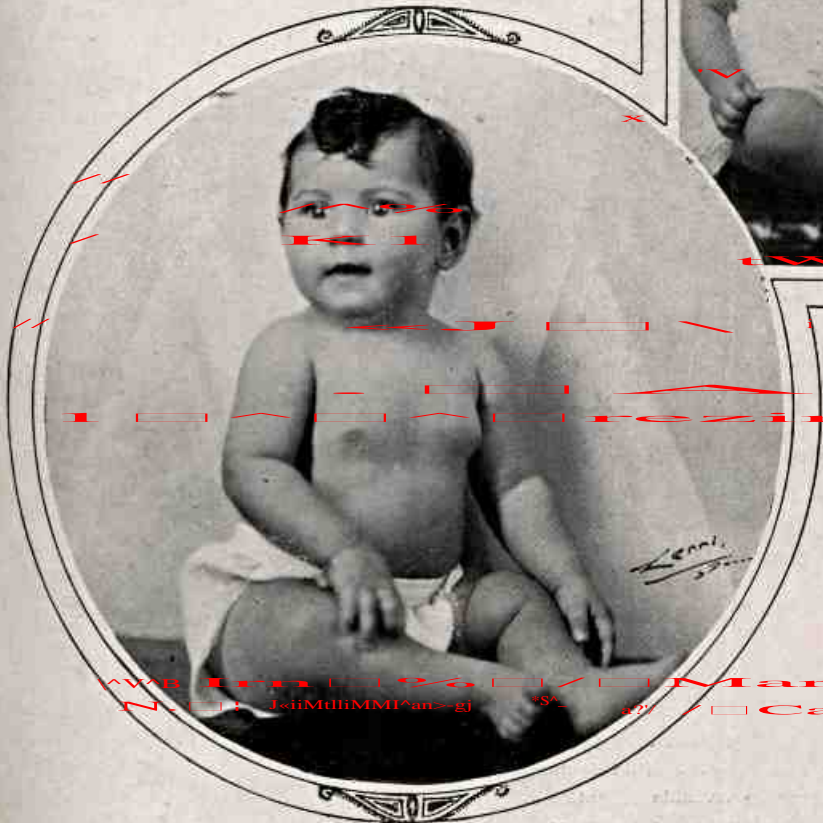
Sinão, vejamos. Qual o crime de *madame*? Bebeu, dançou, tornou a beber e foi curar-se na casa de uma *amiga*, que bondosamente a acompanhou até em casa no domingo, ao cahir da tarde. O que fez o marido foi coisa parecida... Dançou, bebeu e desappareceu borracho, pelos braços de uma Colombina, e tambem, quando deu accordo de si, no domingo á tarde, metteu-se num *taxi* e foi correndo para casa. *Madame*, porém, não teve sorte, porque, quando chegou em casa, já encontrou o marido como uma féra, querendo matar este mundo e o outro, rugindo como Othelo! Vieram as explicações e, como elle é *sabido*, não quiz saber de nada, metteu o chapéo na cabeça e cahiu numa farra monumental, pois foi visto em toda a parte durante o resto do carnaval. Quando voltou ao lar, foi para indagar da esposa, quando ella tomava destino!

Teimoso, está no seu ponto de vista, e *madame* esgotou todos os recursos para convencel-o da sua innocencia, de que havia curado a mona não em companhia de Momo, mas ao lado da sua bondosa amiguinha X.

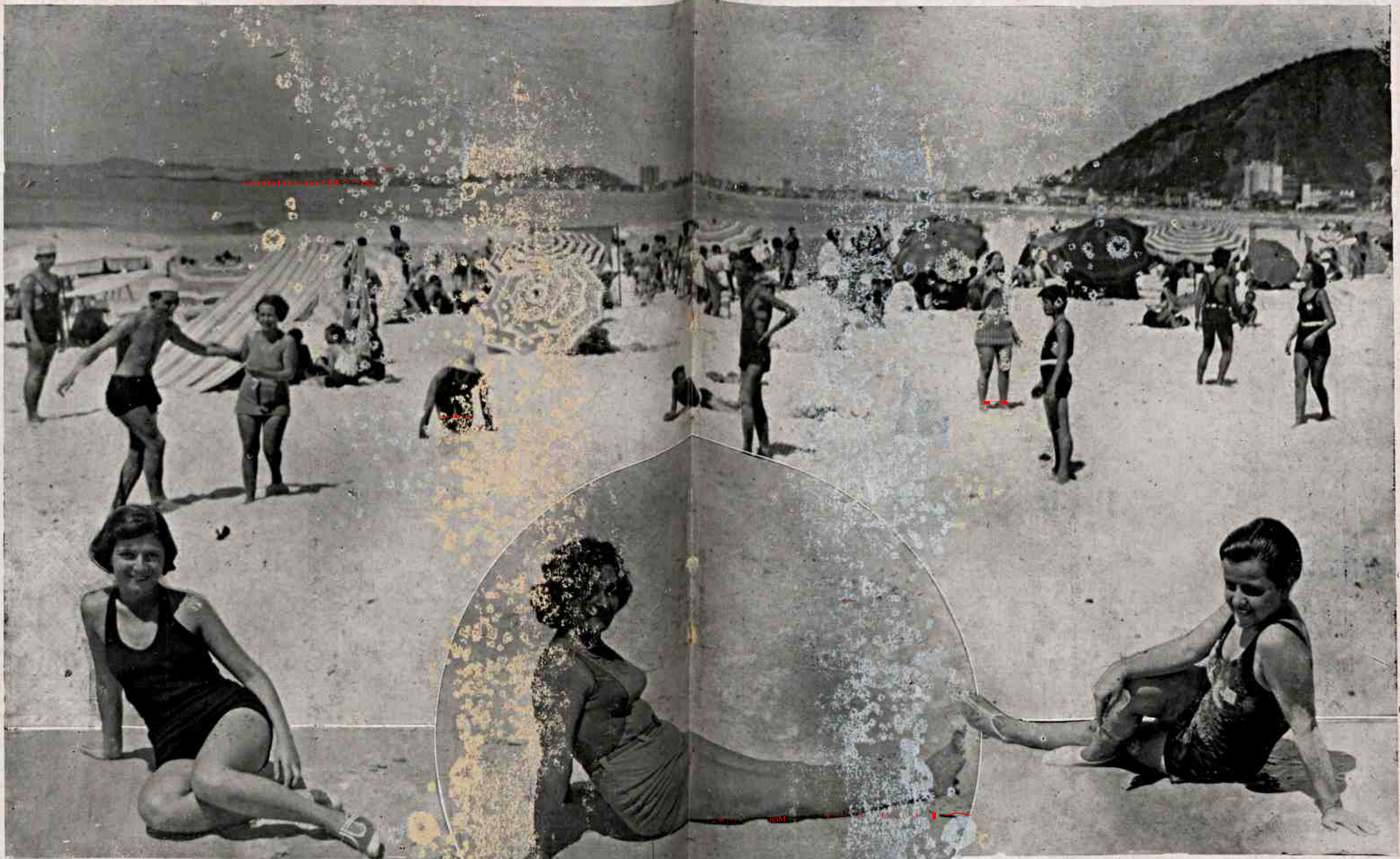
O caso está, assim, sem solução, e, possivelmente as pazes serão feitas no proximo baile de Alleluia, entre taças de champagne e outra bebedeira...

Evohé!

Carlos Alberto e Caio Marcio, dois lindos filhinhos do dr. Abgar Renault e netos do dr. Mario Brant.

(Photo Elpidio — Bello-Horizonte).

A galante paulistinha Nella Therezinha Giusti.

Maria Helena, filha do dr. Renato Caleiro, de São Paulo.

(Photos Cerri — S. Paulo).

COPACABANA Á HORA DO BANHO...

Copacabana continúa a manter o seu prestigio de praia chic e elegante. Pela manhã e á tarde, a bella faixa litoranea que se estende ao longo da Avenida Atlantica se povôa dos mais finos «maillots» que o «set» carioca possúe. E é um empolgante espectaculo de mocidade, de alegria e belleza femininas vêr a praia rival de Ostende e Biarritz movimentar-se sob o encanto de tantos sorrisos lindos e o esplendor do sol dourado dos tropicos. A nossa pagina focaliza instantaneos expressivos do banho de mar na praia de Copacabana, entre os postos 4 e 6.

Ballada do meu enlevo

Vejo-te andar: sonho e bemdigo
o teu donaire encantador!
Estrella e anjo que eu persigo,
cego da luz do teu fulgor!
Falas: eu subo á immensidade,
escuto os psalmos de David!
Teu gesto é um canto de bondade...
Eu sou feliz porque te vi!

Deve ser doce como figo
teu beijo, e mais embriagador
que um vinho raro.... Oh! tens comtigo
todo um poder fascinador!
Meu "Roman de la Rose" que ha de
(Sou teu Guillaume de Lorris!)
meu nome dar celebridade!
Eu sou feliz porque te vi!

Por ti não sei onde o perigo
que eu não affronte, sem temor!
Só junto a ti eu sou mendigo
e imploro, humilde, o teu amor..
Tens a belleza e a suavidade
de uma canção que eu nunca ouvi ..
Reside em ti minha vaidade...
Eu sou feliz porque te vi!

DE JOELHOS

A minha vida se resume
em tudo que ha divino em ti:
no teu olhar de estranho lume,
num gesto teu, no teu perfume ..
Eu sou feliz porque te vi!

(Do livro "Sensibilidade").

HAROLD DAITRO

As noivas

A senhorita Paranhos da Silva, que se casou nesta capital com o dr. Lauro Studart.

(Photo de Arte Academica)

Senhorita Lina Refinetti, cujo enlace com o dr. Aldo Travaglia foi uma nota de repercussão na sociedade paulista.

(Photo Cerri - S. Paulo).

FELIPPE DE OLIVEIRA

A CHEGADA DOS DESPOJOS E OS FUNERAES DO MALLOGRADO POETA

No cemiterio de S. João Baptista sepultou-se, sexta-feira penultima, o mallogrado poeta Felippe de Oliveira, victima de um desastre brutal em Paris, conforme foi amplamente noticiado. O corpo do brilhante autor de «Vida Extincta» foi trasladado para esta capital a bordo do «Cap Arcona», aqui chegando na manhã de quinta-feira, 9 do corrente, e tendo ficado exposto na igreja da Candelaria até o dia seguinte. Grande foi a romaria que visitou o feretro do poeta patricio, na camara ardente da Candelaria, e elevado o numero de pessôas que lhe foram render as ultimas homenagens, comparecendo á missa de corpo presente rezada pouco antes do sahimento funebre e acompanhando o enterro até o cemiterio de São João Baptista. A' beira do tumulo que se abria para receber os restos mortaes de uma das mais fidalgas sensibilidades do nosso mundo litterario falaram varios oradores, exaltando a vida e a obra do cantor de «Lanterna verde». A gravura desta pagina offerece, com a ultima photographia do poeta, dois instantaneos dos funeraes de Felippe de Oliveira.

BRASIL - ESTADOS UNIDOS

O «clichê» acima focaliza um aspecto do banquete de 6[illegible]0 talheres offerecido, no Waldorf-Astoria, ao sr. Valentim F. Bouças, director geral dos serviços Hollerith e gerente geral no Brasil da International Business Machines Corporation, como homenagem ao seu espirito organizador e por contar actualmente 18 annos de ininterrupta actividade nessa grande organização, com filiaes em 79 paizes. O nosso emprehendedor patricio é o mais antigo director gerente dessa poderosa organização no estrangeiro, e o único que, não sendo americano, nella conseguiu, em seus quarenta e quatro annos de existencia, maior quota de serviços. E' a primeira vez que um industrial da America latina recebe nos Estados Unidos tão alta homenagem, redundando igualmente, de modo significativo, em proveito do nome do Brasil alli. No mesmo «clichê», vê-se a bandeira brasileira em lugar de honra, ao lado da norte-americana. Esforços como esse, dessa relevancia, são francamente de louvar, pelo que de intelligente propaganda representam para o nosso paiz.

Os bacharéis que se formaram em março de 1932 pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro commemoraram no ultimo domingo, com uma missa votiva, celebrada na igreja de São Sebastião, á rua Haddock Lobo, o primeiro anniversario de sua collação de grão.

QUANDO os meus olhos se abriram para a vida, já eu encontrei o rio alli, nos fundos do casarão antigo e muito branco onde passei a minha infancia e de onde sahi um dia, ha muitos annos, para não mais voltar. Nasci ali, á beira da torrente e ali, debruçado sobre a agua que corria, recebi os primeiros ensinamentos do mundo, na quadra distante em que tudo é sonho, quando o meu espirito de provinciano tinha o seu universo limitado pelo casario baixo e alvo que se alinhava na unica rua do villarejo no sopé das collinas onde se abriam as trilhas das plantações de café.

Nunca o meu espirito procurou saber si o mundo ia alem daquelle horizonte acanhado, porque aquelle pouco bastava á alegria da minha vida simples. Si eu sahisse de casa, como tantas vezes sahi ás escondidas, e me fosse sentar á sombra da gameleira que manchava de verde escuro a relva clara da collina baixa, tinha deante dos meus olhos um scenario immenso e deslumbrante: o gado, que andava preguiçoso pelo pasto abundante, os carros de bois que passavam, gemendo, atulhados de café, o casario que se alinhava lá em baixo, com os seus portaes azues; e, mais longe um pouco, no ultimo limite da villa, a estação de torreão alto onde parava, pela manhã e ao entardecer, o trem de ferro, barulhento e fumegante. O rio, como uma larga fita branca, cortava por uma ponte estreita de madeira, separava as casas da estrada de ferro.

Aquillo tudo, perdido em uma deliciosa mistura de côres, era muito mais do que podiam desejar os meus oito annos felizes e alegres...

O rio, por si só, enchia de sensações novas todas as horas do meu pequeno dia, aquellas horas bôas que eu passava longe dos bancos toscos da escola. A despensa da casa, apoiada sobre pilares de pedras lembrando uma habita-

BARQUINHOS DE PAPEL

ção lacustre estava sobre a agua e eu, sentado ao peitoril da unica janella que a illuminava, passei momentos longos contemplando a correnteza e tudo o que a rodeava Via os fundos das outras casas tambem apoiados sobre pilastras e avançados sobre a agua; via as mulheres que lavavam roupa, debruçadas sobre as margens; invejava os canoeiros que passavam vogando; batia palmas quando um tronco deslisava, arrancado pelas torrentes a alguma distante floresta. E era para mim um prazer sem igual atirar grãos de milho ao rio para que os patos, muito brancos, os fossem disputar, grasnando.

O rio, naquelles dias longinquos, foi meu amigo...

Mesmo á noite, quando o villarejo estava mergulhado em sombras, quando o silencio era apenas perturbado pelo coaxar metállicos dos sapos-ferreiros e pelo trillar dos grillos nas bréchas dos pilares humidos, era o rio quem me acalentava, com a sua canção monotona mas terna, com o resvalar das suas aguas sobre as pedras do leito que, naquella altura, quasi não tinha profundidade...

.. ..

Um dia, deram-me um barquinho de papel, o primeiro que os meus olhos viram. Tinham-lhe posto um mastro, feito de um pedaço de flexa, e eu o achava lindo, muito mais lindo do que as canôas toscas que estava habituado a invejar. Muito mais lindo, sim, porque elle era muito branco e era meu...

Alegre, desci a ribanceira da margem até que meus pés ficassem mergulhados na agua que, ali, era repousada, calma, sem correnteza, graças a uma pequena bacia que a margem formava. Dois passos mais adeante a torrente cantava, impetuosa, caminho do infinito que os meus olhos não alcançavam e não procuravam penetrar.

E ali, no remanso da margem, deixei o barquinho de papel fluctuar. Eu mesmo o impellia para a frente, até que elle parasse, encostado ao capim rasteiro da margem; e ia buscál-o, para fazêl-o fluctuar novamente.

Era ao pôr do sol, na hora do grande recolhimento universal. Um raio de sol, obliquo, doirava as aguas e doirava tambem o meu barquinho branco, cujo mastro pequenino se agitava quando eu o impellia mansamente.

Subito, a fatalidade sombreou minha alegria. Nem mesmo sei como foi: uma distracção, talvez um impulso mais forte; o barquinho transpoz os limites da pequena bacia, revoluteou um instante agitado pela torrente que o envolveu, e lá se foi, antes que eu pudesse alcançál-o, corcoveando sobre as aguas impetuosas. Fiquei a olhál-o durante muito tempo, vendo que as aguas o arrastavam, até que a sua pequenina silhueta branca desappareceu em uma curva sombreada do rio, onde não chegavam os raios obliquos do sol que se ia...

Só depois disso foi que um soluço incontido me subiu á garganta; voltei para casa chorando o meu barquinho de papel. E á noite, quando tudo era silencio, eu, no meu leito, ouvindo o rio cantarolar sobre as pedras, lembrava-me que elle ia levando, para um desconhecido que meu espirito não penetrava, o meu primeiro barquinho de papel...

Hoje, tantos annos passados, eu sei que a vida é bem igual ao rio que encantou os dias da minha infancia distante. Ella vae arrastando, para o infinito dos tempos, para a grande noite que os meus olhos não penetram, todos os barquinhos de papel das minhas illusões. A unica differença é que eu não choro mais os barquinhos que se vão: desde a infancia que as illusões fogem ás minhas mãos e o espirito já se habituou com o fatalismo do irremediavel...

Luiza Maria Moraes Salles. Tambem compareceu á festa infantil do Trianon paulista e ali fez um successo digno do seu encanto de menina bonita.

Carlos, Alfredo e Maria Dinah, filhinhos do industrial João Carlos Rosas e de sua exma. esposa, d. Esmeralda Rosas. Fantasiados assim, os tres garotos «pintaram o sete» no carnaval...

O pequeno carnavalesco Hermillo Teixeira de Carvalho, que conquistou muito coraçãozinho na vesperal infantil promovida no Trianon, em São Paulo, por madame Louise Reynolds.

ÉCOS DO CARNAVAL

SABEDORIA

A mulher vaidosa está mais attenta ás homenagens que lhe negam do que ás que lhe dispensam.

Dupuy

Ha questões que têm o privilegio de unir os homens mais divididos e de dividir os mais unidos.

Francisco Charmes

A pequena Norma, filhinha do major Raul Tavares, fantasiada de «ostra», obteve o primeiro premio no concurso infantil do Alhambra, realizado segunda-feira gorda, sob o patrocinio do «Jornal do Brasil».

Marcello, Regina e Consuelo. Um «rajah», uma camponeza» e uma «pastorzinha»... do carnaval de Juiz de Fóra.

Uma linda foliã que fez successo em quasi todos os bailes infantis deste anno.

A Associação dos Empregados no Commercio do Rio de Janeiro festejou no dia 7 do corrente o 53.º anniversario de sua fundação, fazendo realizar, na sua séde social, uma solennidade para empossar a sua nova directoria eleita para o biennio 1933-1934. O nosso «cliché» focaliza os novos directores da A. E. C. e a mesa que presidiu aos trabalhos da solennidade do dia 7.

«FON-FON» NA PARAHYBA

Senhorita Adalzira Meira de Vasconcellos, da sociedade de Campina Grande, no Estado da Parahyba do Norte, e que acaba de concluir o curso de professora no Collegio de N. S. das Neves, de João Pessôa.

As praias do norte têm o encanto suggestivo dos coqueiraes sonoros, ao sopro tepido dos ventos equatoriaes. E' um aspecto de uma dessas praias, na Parahyba do norte, que vemos aqui. A toalha alva da areia ainda é a mais irresistivel tentação desses recantos naturaes de repouso, que caracterizam as costas nordestinas. As tres banhistas dessa praia são tres jovens parahybanas: Auta Barbosa Corrêa, Maria Gouvêa Corrêa e Zenilde.

A senhorita Eunma Paiva Oliveira, que tambem pertence á sociedade de Campina Grande, diplomou-se recentemente, pela Escola Normal João Pessôa, naquella cidade parahybana, depois de brilhante curso.

FON-FON no cinema

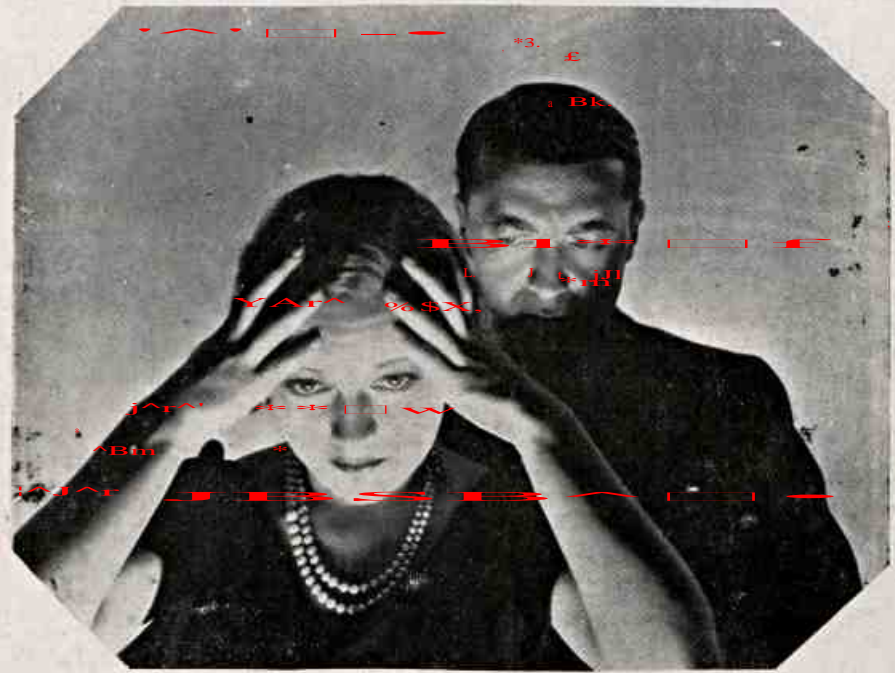
A febre do amor.

A NOITE DE 13 DE JUNHO

"THE NIGHT OF JUNE 13" — DA PARAMOUNT

com *Clive Brook, Frances Dee, Charles Ruggles, Gene Raymond e Lila Lee*

A cidadesinha de Glenwood é uma das mais calmas e aprazíveis dos milhares de cidades americanas por onde a vida passa sem deixar móssa. Os seus habitantes, todos amigos e morigerados tomam o seu trem pela manhã, para Nova-York, onde quasi todos trabalham, e á tarde eil-os que voltam, risonhos e alegres, como um bando de andorinhas veraneiras.

A nossa historia trata em particular de quatro familias vizinhas, moradoras na avenida Laurel, umas das mais bonitas da cidade. São a familia Curry, a Morrow, a Strawn e a Blake. John Curry é casado com Elna, uma senhora que estudara piano e estava para ingressar numa futurosa carreira de pia-

Como resolver a situação?

Recordações de amores velhos.

nista quando um desastre de automovel a deixou incapaz de seguir a carreira, devido ao extremo nervosismo de que se viu presa.

John, seu marido, costuma acceitar pela manhã, de caminho para a estação, a conducção em auto que lhe offerece Trudie, irmã de Herbert e filha do casal Morrow. Este facto faz com que a mulher se encha de suspeitas sobre a fidelidade que lhe deve o marido. A senhora Morrow, respeitavel matrona, presidente da "Liga Anti-alcoolica" da cidade, não evita com isso que o filho Herbert, levado por máus caminhos, comece a beber desregradamente para esquecer as mágoas que lhe causam as repulsas da mãe aos seus amores, muito bem intencionados, com Ginger Blake, uma deliciosa vizinha de sua casa.

Com o casal Strawn móra o pae do sr. Strawn — um espinho nas ilhargas da nóra, que tudo faz para o pôr fóra de casa.

Na manhã de 13 de junho, o menino Junior, filho unico da familia Strawn, surripia quatro dollares que a mãe guardára. Ao dar pela falta do dinheiro, sobe a senhora ao sótão da casa, onde móra o velho sogro, e ahi, achando sobre a mesa quatro dollares que o ancião recebêra da senhora Curry por uns serviços que lhe prestára, se insurge, accusando-o do furto. Isto basta para que o velho deixe a casa, como ella já o esperava.

A' tarde, quando John Curry está já no vagão, de volta para casa, entrega-lhe Martha Blacke, mãe de Ginger, uma carta que para elle lhe déra Trudie Morrow. John abre a curta missiva e vê que nella a vizinha

A condemnação daquelle homem innocente enchia-a de pavor.

(Conclue na pag. 58)

Amôr á primeira vista.

A UNICA SOLUÇÃO

(ONE WAY PASSAGE) — Film da WARNER-FIRST NATIONAL

com William Powell, Kay Francis, Aline Mac Mahon e Franck Mchugh

ACCIDENTALMENTE, encontram-se no Bar Internacional, em Hong Kong, logar preferido pelos turistas elegantes, Dan Hardsty, prototypo do "gentleman", e Joan Ames, joven e linda norte-americana.

O accaso aproxima-os e logo forte sympathia nasce entre elles. Joan Ames, joven e rica, viajava para se distrahir.... Soffrendo de seria lesão cardiaca, era forçada agora a voltar aos Estados Unidos, onde seu medico assistente pretendia interna-la em um sanatorio no valle da California, para tentar vencer o mal terrivel que pouco a pouco a vencia.

Dan Hardsty, de sympathia irresistivel, elegantissimo, encontrava-se naquellas distantes paragens, para fugir de um crime que praticára nos Estados Unidos. A justiça de seu paiz o perseguira por toda a Europa, inutilmente. Dan Hardsty sempre achava um recurso para deixar de cara comprida o tenaz detective que lhe seguia as pégadas...

Agora, alli, naquelle bar, Dan sentiu que havia encontrado a mulher de todos os seus sonhos... a creatura adoravel por quem tudo sacrificaria... E depois de se apresentarem e soffrerem a influencia dominadora dos olhos um do outro, despediram-se...

Porem, á porta do bar, uma surpreza esperava Dan. O policial que quasi o apanhára em Berlim e em Varsovia, alli estava tendo na mão direita um revolver e na outra as algemas.

.. ..

E agora Dan segue a bordo de um luxuoso navio, na direcção de S. Francisco da California, para onde o levava o detective e onde o esperava, irremediavelmente, a forca! Porem para elle, que sentia já ter vivido a sua vida, isso não pesava.... Pesava, sim, e muito, o facto de, no mesmo vapor, viajar Joan Ames... a deliciosa mulher com quem palestrára cinco minutos e por quem se apaixonára. Ella voltava para sua patria e

Os rapidos momentos de felicidade que lhe restavam.

Sentia-se feliz pelo braço delle.

tambem não havia alegria em seu coração. Seu medico assistente prohibira-a de deixar o camarote... Não podia ter emoções... Sua vida estava por um fio... E ella resigna-se... até o instante em que, pela escotilha, vê passar pelo tombadilho a elegante silhueta daquelle rapaz do Bar Internacional de Hong Kong.

.. ..

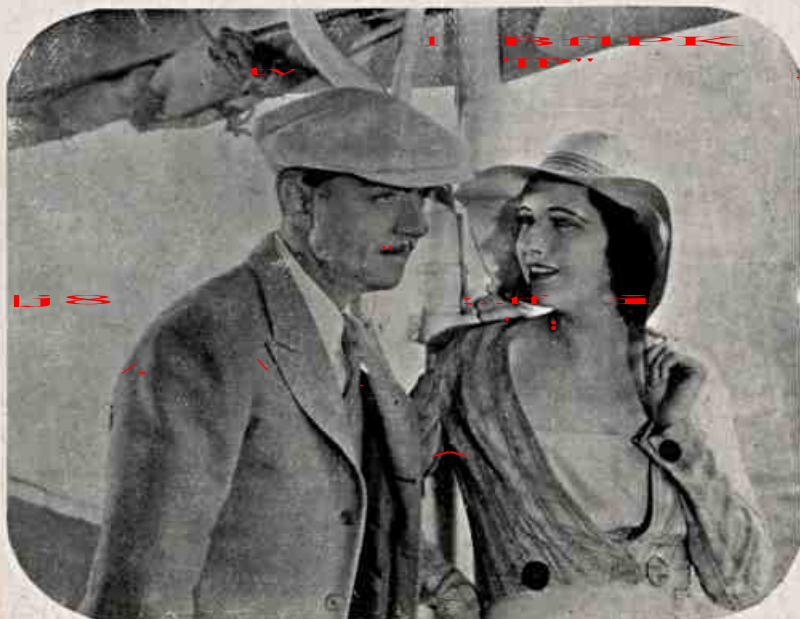
Desde esse dia, Joan esqueceu sua molestia e não mais ouviu seu medico particular! Passou a dançar com Dan todos os dias e com elle viveu noites inesqueciveis na pôpa do grande navio... E Dan foi tambem o homem mais feliz da terra... Obtivéra do detective, agora um seu admirador, licença para andar, livremente, pelo navio, e, assim, todos os minutos que lhe restavam de vida dedicava áquelle grande amor...

Antes de attingirem San Francisco, fazem escala em Honolulú e, desta vez, o detective exige que elle permaneça preso até o navio se afastar da ilha, onde sua fuga seria facillima. Porem, auxiliado por Betty, uma ladra-internacional, que agora se intitula condessa russa, e por Skippe, um conhecido "batedor-de-carteiras", que adoram Dan e tudo fazem por elle, Dan consegue descer á ilha em companhia de Joan. O dia corre para elles gloriosamente. Amam-se perdidamente, porem nem um nem outro fórmam plano de um futuro risonho... Pois um e outro sabem que estão condemnados e, no emtanto, conservam segredo... Seus labios só descançam dos beijos longos que trocavam para dizer que se adoravam!

O plano de Dan, entretanto, era fugir, no ultimo momento... Porem isso não é possivel, pois, não resistindo ao esforço que vinha fazendo, Joan soffre uma syncope e é nos seus braços que volta para bordo.

E a viagem chega a seu termo. O organismo de Joan está arruinado... E isso é o que ella sente, muito embora, no beijo de despedida, marque com Dan encontro em uma pittoresca cidade do Mexico, onde continuariam o delicioso romance de amor...

E Dan, tendo já no fundo dos olhos a negra visão da forca que o esperava, sorri e promette comparecer ao local do encontro...

E é essa a historia de duas creaturas que se amavam perdidamente... e sem esperanças... Jámais aquelle sonho paradisiaco poderia se tornar realidade... Mas amavam-se muito, até o fim... e talvez mais alem!

Na hora da despedida.

O QUE SE DEVE SABER

LOHENGRIN, O CAVALLEIRO DO CYSNE

A lenda germanica é rica e caracteristica. A de Lohengrin é uma das mais bellas. Lohengrin, o Cavalleiro do Cysne, foi o campeão de Elza de Brabante, accusada de perjurio por Frederico de Telramundo. Elza herdára de seu pae a corôa ducal e, por tal motivo, sua mão era cubiçada por numerosos fidalgos, a cujas solicitações, porém, se mostrava insensivel a joven soberana. No momento culminante dessa peleja, appareceu Frederico de Telramundo, escudeiro que fôra do pae de Elza, accusando esta perante Henrique, o "Passarinho" de haver rompido a palavra de casamento que lhe empenhára.

O imperador decidiu que o caso deveria resolver-se por combate singular e designou a cidade de Cleve para a celebração do julgamento. Chegada, porém, a hora decisiva, nenhum dos cavalleiros presentes se atreveu a desembainhar a espada em favor da indefeza Elza de Brabante.

Mas, de repente, viram os assistentes maravilhados surgir no horizonte, remontando a corrente do Rheno, o vulto alado de um cysne puxando uma singular embarcação dentro da qual vinha, adormecido, com a cabeça pendida sobre o seu escudo, o cavalleiro Lohengrin, filho de Passifal, soberano do Santo Graal.

Ao pôr o pé em terra, Lohengrin declarou que estava disposto a defender com a sua espada a innocencia de Elza de Brabante e, dentro de poucos dias, depois de vencer e matar, em Moguncia, Frederico de Telramundo, se unia, em nupcias sagradas, a Elza de Brabante, sob a condição de que esta nunca lhe perguntaria seu nome nem o logar de sua procedencia.

Vencida, porém, um dia, pela tentação da curiosidade, Elza atreveu-se a formular as perguntas prohibidas e, dentro de momentos, apparecia de novo, sobre as aguas do Rheno, o cysne mysterioso, que arrebatou Lohengrin, que não mais volveu...

NOVA EXPEDIÇÃO AO MONTE EVEREST

Vae ser levada a effeito mais uma nova expedição para alcançar o cume do famoso Monte Everest. Esta expedição foi annunciada pelo almirante Sir William Goodenough e pelo general G. Bruce, em nome da Real Sociedade Geographica e do Club Alpino Britannico, respectivamente.

A ultima expedição com essa finalidade realizou-se em 1924 e nella perderam a vida G. L. Mallory e A. C. Irwine, quando já se achavam a menos de 60 metros do cume, se é que não chegaram realmente ao mesmo. Pois membros da referida expedição, o coronel E. F. Norton e o doutor T. H. Sommervell subiram a mais de 8.600 metros.

As tentativas precedentes tiveram logar em 1922, em que se attingiu 8.300 metros e em 1921, que só serviu para a exploração dos caminhos de accesso.

A partir de 1924, as difficuldades, para a repetição da empreza foram creadas pela má vontade do Thibet em conceder a respectiva permissão. Por fim, o Dalai-Lama resolveu, ultimamente, permittir os trabalhos da nova expedição britannica, cujo chefe é A. Ruttlge, que pertenceu ao Serviço Civil da India e é profundo conhecedor do alpinismo nos montes Hymalaia.

Ribeiro Couto — CLUB DAS ESPOSAS ENGANADAS — Schmidt, editor — Rio — 1933 — 5$

SÃO tres novellas magnificas reunidas em volume. A primeira novella forneceu o titulo ao livro, seguindo-se *Isaura* e *Infancia*. Qual das tres é a melhor? Não é facil dizer, quando todas foram trabalhadas com um *sentido* differente. *Club das esposas enganadas* é uma *charge* urdida com bastante espirito, fazendo-se sentir o poder psychologico do escriptor num suggestivo jogo de scenas, que constitúe verdadeiro malabarismo de idéas. Porém, em *Isaura* existe um pouco mais de *virtuosidade*, cuja finura nos faz pensar. As Isauras que o publico identifica no nosso meio são differentes da Isaura de Ribeiro Couto, que nunca teve o seu Pedro Alvares Cabral para lhe descobrir o encanto dos versos, cuja symphonia devia ser assim uma coisa parecida com a bacchanal dos sentidos... Em *Infancia* ha reminiscencias de Machado de Assis, aqui e ali. Influencia de processo, de manipulação, é bom que se accentúe, para não vir a perversidade alheia dizer que Ribeiro Couto imitou ou copiou. Não.

O escriptor paulista, talvez hoje o melhor prosador do meu torrão natal, tem personalidade, é genuino representantes do talento creador da actual geração. E' o autor de *Cabocla*, esse romance cuja poesia toca a nossa sensibilidade, e que por si só basta para a gloria do escriptor paulista. Ribeiro Couto conquistou bravamente destacado posto na literatura nossa, e nesse posto se mantém, fornecendo ao *seu publico*, porque elle os tem, livros que despertam a mais viva curiosidade, constituindo sempre um motivo de intenso gozo espiritual.

Zolachio Diniz — EM MARCHA — Rio — 1933

O autor escreveu os diversos poemetos do volume, em versos livres, sob o dominio da mais absoluta revolta de espirito. E' o proprio poeta quem affirma: "Este livro é o grito de revolta dos que soffrem contra os que vivem no Luxo e na Opulencia." Em crescente enthusiasmo o joven poeta avança demasiado para a extrema esquerda. Versos rubros, de facil combustão...

Por exemplo, o intitulado *Trigo*.

— Papae, quanto pão!...
... e eu tenho tanta fome!
Vae
Papae
peóe pra mim um pão
áquelle homem gordo
do balcão...

— Nós não temos dinheiro
meu filhinho...

— E para que fizeram
o dinheiro?

— Unicamente
para os homens gordos dos balcões...

Sem duvida que temos de marchar, removendo muita coisa pelo caminho...

Mas, a solução brasileira exige a disciplina das vontades, patriotismo, nada de fórmulas vagas que possam concorrer para a subversão da estructura social, sem proveito para a collectividade.

Fernando Rodrigues — FÉRIAS — Renascença Editora — Rio — 5$

O autor é um espirito amavel, que sabe bem aproveitar as férias, viajando, e, depois, vem narrar aos outros, com uma sadia alegria, tudo aquillo que viu pelas mãos de Mr. Benoit...

Viajar é coisa facil, pois, para tanto, basta ter dinheiro no bolso. Saber viajar é, entretanto, uma arte difficil. E escrever livro de viagens é um caso

muito serio! Quem faz malas, atravessa o Atlantico, e mergulha do outro lado, na Europa, tem logo a idéa de embasbacar o proximo com um livrinho de impressões de viagens... Nós quasi fomos atacado do mal. Quando, certa vez, atravessamos a Ponte dos Suspiros, em Veneza, o nosso plano esteve em comêço de execução. Porém, recuamos a tempo. Acaso as nossas impressões teriam o imprevisto das coisas novas?

Não iriamos repetir velhas historias já narradas em varios idiomas? Preferimos, então, fixar pequeninas manchas, de colorido suave, envolvendo mulheres, sonhos, etc. Era o nosso livro de viagem, livro romantico, para uso exclusivo das creanças loiras... Na hora da revisão dos originaes, meditámos, e tudo ficou sepultado numa gaveta. Não nos arrependemos do gesto, porque, no afan de obra original, teriamos na certa alcançado margem opposta ao do nosso pensamento.

Isto, afinal, está um tanto deslocado, aqui, pois devemos dizer algo sobre o livro do sr. Fernando Rodrigues, que nada tem com o nosso caso.

O autor gozou as suas férias e escreveu um livro que se lê com agrado.

Dispondo de observação aguda, penetrante, vê cidades, monumentos, estuda a vida de certas nações, e narra com propriedade e sem artificios desnecessarios. Apenas notamos que uma e outra vez o autor briga na collocação dos pronomes reflexivos, o que acreditamos aconteça, não pelo desconhecimento da lingua, mas, por algum capricho pessoal.

H. Rider Haggard — BENITA — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

ESTE romance da collecção *Para Todos* tem como esplendido scenario as selvas africanas. A heroina de Rider Haggard, a figura de uma tribu negra, empolga a attenção do leitor através dos 24 capitulos do livro.

Mario Graciotti — O ULTIMO ROMANTICO — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 5$

O ultimo romantico por que?! Geralmente, em se tratando de um livro de contos, o titulo do primeiro trabalho serve para dál-o ao volume. Mas, não é o caso do sr. Mario Graciotti, que abre o livro com o conto *O ruivo*, a historia de um cachorro vagabundo, um bohemio de rua, e prosegue copiando a vida, até sem nenhuma dóse de romantismo... Os contos são em numero de oito. Os assumptos explorados são simples. A linguagem usada tambem é simples.

Ha mesmo uma certa monotonia no processo literario do sr. Mario Graciotti, que evidencia pobreza de imaginação.

Ou o autor muda de processo, isto é, perde o seu feitio de *amador* das letras, ou terá falhado totalmente no genero mais difficil da prosa, que é o conto.

RESTAURAÇÃO DA ORDEM SOCIAL — Liv. Globo — Porto Alegre — 2$

O sr. Adroaldo Mesquita da Costa enfeixou num volume as conhecidas encyclicas *Rerum Novarum*, de Leão XIII, e *Quadragesimo Anno*, de Pio XI, publicando-as com o pomposo titulo *Restauração da ordem social*, e o sub-titulo *Reivindicações do operariado*.

Pretende o sr. Costa que as duas encyclicas sejam a *Magna Carta* do operariado moderno, e que uma vez ellas estimadas e executadas, a questão social desapparecerá, como por encanto, do scenario das discussões obrigatorias de todos os dias! Para chegar a essa conclusão, o sr. Costa escreveu um prefacio no qual prova á saciedade que pouco entende da materia, mesmo porque ninguem póde pretender fazer obra social aferrado ao sectarismo religioso. E' lamentavel a confusão entre Socialismo e Communismo, assignalada no prefacio em apreço.

O operario moderno já sabe como tem de proceder para esmagar o individualismo que arrastou o mundo ao estado actual de desorganização economica, gerando a torpe escravidão das massas ao capitalismo, e ninguem mais se impressiona com o fantasma que vive na imaginação do sr. Costa.

A seriedade com que o prefaciador allude á bancarrota do Socialismo, na hora justa em que elle empolga os povos, penetrando na carta de leis das nações que procuram um porto seguro de salvação, nem siquer tem o merito de impressionar, pois, hoje, é grande o numero de pessôas habituadas ao trato das questões sociaes. O mundo marcha justamente para o Socialismo, e não ha forças para detêl-o no seu avanço glorioso. Dizer o contrario é tolice. E temos conversado...

O BEIJO

DE THOMAS MANN

MUSICA, rumor de copos que se chocam, fumaça, confusão de vozes, danças.

— Aspirante! — gritou o barão Harry, capitão de cavallaria, cessando de dançar.

Ainda rodeava o seu par com o braço direito e encostava o outro no seu quadril.

O que o senhor nos está tocando não é uma valsa, e sim uma marcha funebre. O senhor não tem compasso. Tenente Satel, toque o senhor de novo: assim teremos um pouco de rythmo. E o senhor, aspirante, dance, se entende mais de dançar do que de tocar.

O aspirante levantou-se e cedeu o logar ao tenente Satel, que começou a bater no piano com as suas mãos brancas.

O barão Harry proseguiu a dança interrompida. Elle, sim, tinha compasso no corpo; compasso das valsas e das marchas: da felicidade, do orgulho, da fé no successo. O traje de hussard, bordado a ouro, ia admiravelmente com o seu rosto moço e despreoccupado. Na tez, avermelhada pelo sol, os cabellos e bigodes escuros, e a cicatriz da face direita davam-lhe uma expressão marcial, que agradava ás mulheres.

Na verdade, a sala do casino de officiaes ficava pequena demais para os trinta pares reunidos nessa noite. Porém, tudo o que faltava ao salão e á festa era compensado pelo prazer prohibido e ousado de se acharem em companhia das "andorinhas".

Até os ordenanças baixavam os olhos, sorrindo, como se se julgassem collaboradores de uma empresa arriscada e maligna! As "andorinhas", as "andorinhas" de Vienna! Atravessavam o paiz como um bando de passaros emigrantes, tomando vôo de cidade em cidade, e apparecendo em "music-halls" e em theatros de quinta categoria. Eram umas trinta e cantavam com gestos livres e vozes alegres.

Tinham chegado assim a Hondam, sabendo que todo um regimento de hussards ahi se encontrava, e contando attrahir o interesse delles. E, assim aconteceu. Dia após dia, os officiaes solteiros accorriam á cervejaria onde ellas cantavam, e bebiam a loura cerveja, á saude das raparigas; depois se reuniram a elles os officiaes casados e, uma noite, appareceu o coronel Rumler em pessoa; seguiu, com viva sympathia, o programma, e deu parecer favoravel acerca das "andorinhas".

Foi então que, entre capitães e tenentes, amadureceu o plano de convidar as mais bonitas ao casino, para uma noitada em que se faria escandalo e se beberia champagne. Os superiores, muito a contragosto, deviam se abster de assistir, por causa da opinião publica. Quanto aos outros, não sómente tomavam parte os officiaes subalternos solteiros, mas tambem os tenentes e capitães, e (isso era o melhor de tudo) em companhia das mulheres.

Obstaculos? Escrupulos? Um delles descobria que, para os soldados, os obstaculos existem para serem vencidos.

Foi assim que as esposas dos officiaes se encontraram reunidas com as "andorinhas".

Sob os lustres luminosos, os pares deslisavam e giravam ao rythmo do tenente Satel. Os unifor-

tões brilhantes dos hussards se entrecruzavam com os vestidos vaporosos das bailarinas, e, com uma voluptuosa inclinação de cabeça, ellas se abandonavam nos braços dos companheiros.

O barão Harry tinha uma linda "andorinha" apertada contra os galões do seu peito; com o rosto muito junto ao della, olhava-a fixamente nos olhos.

O sorriso da baroneza Anna acompanhava pela sala o par.

Um enorme sub-tenente dava voltas com uma pequena "andorinha", redonda como uma bola.

A esposa do capitão Romão, que amava o champagne acima de todas as coisas, balançava-se em companhia de uma "andorinha" ruiva, esquecida de si mesma e do mundo. As duas dançavam juntas, porque havia duas mulheres a mais.

De repente, perceberam que todos se tinham retirado para as deixarem sós, e pararam no meio da sala, desconcertadas pelos risos e applausos.

Beberam mais champagne; os "garçons", de luvas brancas, corriam de mesa em mesa, enchendo as taças. Depois, as "andorinhas" se prepararam para cantar outra vez.

Enfileiradas no estrado, a um lado do salão, brincavam com os olhos. Levantavam os hombros e os braços nús, e os vestidos cintados, procuravam formar um conjunto de verdadeiras "andorinhas". Havia-as louras e morenas; gordas, de ar jovial e outras de interessante esbeltez. Porém, a mais bonita era, sem duvida, a morena de olhos amendoados e de braços de garoto, que acabava de dançar com o barão Harry. A propria baroneza a achava mais bonita que todas e continuava sorrindo.

Agora as "andorinhas" cantavam, acompanhadas pelo tenente Saitel, que apertava as teclas, com a cara virada para ellas. E ellas cantavam em unisono, e diziam: que eram passaros leves, que haviam percorrido o mundo inteiro, e que levavam, ao voar, todos os corações.

Os homens que já sabiam de cór a canção, uniram ás dellas as suas vozes; e a sala estremecia de cantos, de risos e do ruido das esporas que chocavam, emquanto os pés marcavam os compassos.

A baroneza Anna ria tambem, deante de tantas loucuras.

—Hoje, estou alegre — dissera á sua vizinha de mesa; o silencio e o olhar zombeteiro que teve em resposta fel-a recordar que não se devem dizer taes coisas em sociedade.

Mas a baroneza Anna crescera em meio de tanta solidão e tanto silencio, na propriedade de seu pae, ás margens do mar, que esquecia essas verdades. Embora de-

(Cont. na pag. seguinte)

NOTAS DE ARTE

AUGUSTO COMTE E A TECHNICA LITERARIA. — Ao genio universal do Fundador do Positivismo nada escapou do dominio do pensamento humano. A sciencia, a arte, a industria, a politica, a philosophia, a religião, tudo coordenou, tudo condensou numa obra ingente, que é o assombro e o escandalo das gerações que lhe succederam, onde, apesar de todas as opposições, uma plaiade de almas cada vez mais numerosas lhe acolhe e propaga as concepções integraes, e grande numero de outras o proclama a encarnação maxima do genio philosophico.

Entre os seus grandes pensamentos destaca-se, ao par de mil outros, o da incorporação do fetichismo á systematização positiva, mostrando que a Religião da Humanidade nada mais é que o Fetichismo systematico, assim como o Fetichismo é o Positivismo espontaneo.

E' na *Synthese Subjectiva*, nessa maravilha da intelligencia philosophica, que o coordenador supremo das concepções humanas realizou a portentosa construcção. Infelizmente, uma morte para sempre funesta impediu a terminação dos ultimos tomos da incomparavel trilogia: *Philosophia* (6 vol.) *Politica* (4 vol.) *Synthese* (4 vol.). Mas no primeiro e unico volume da *Synthese* compendiam-se, explanam-se, em resumo, as concepções que deviam realizar-se nos tomos posteriores e torna menos lamentavel o prematuro passamento.

E' nesse volume inicial que se acham as doutrinas normaes da Mathematica ou, melhor, da Logica, como finalmente denominou a sciencia fundamental. E nesse volume, na sua conclusão, completando a theoria subjectiva dos numeros, exposta no capitulo primeiro, que o mestre sem par expõe o originalissimo systema de composição literaria a que obedeceu o grandioso volume e estabelece regras geraes de composição, quer philosophica, quer poetica, seja prosa, seja verso.

Ouçamol-o — fragmentariamente embora — que melhor se lhe apreciarão os originaes e profundas scientificas e estheticas ideas, em geral desconhe-

---

O BEIJO

(Continuação)

sejasse ser igual ás outras e receiasse parecer estranha não podia occultar o seu pensamento e o manifestava.

Tinha uma carinha delicada mãos pallidas, e cabellos louros. Entre as sobrancelhas claras aprofundava-se uma ruga vertical, que dava ao seu sorriso um matiz de soffrimento e de desgraça.

Amava o marido; amava-o covardemente, miseravelmente, ainda que elle a enganasse e maltratasse diariamente seu coração. Soffria por amal-o, como uma mulher que despreza sua propria delicadeza e sensibilidade e sabe que a força e a prepotencia têm todos os direitos. Abandonava-se a esse amor e seus tormentos, como se abandonára toda a elle, noutros tempos, quando Harry pedira a sua mão.

Era então uma creatura solitaria, que sonhava com a vida a paixão e as tempestades do sentimento.

... Musica, rumor de copos que se chocam, fumo, confusão de vozes, danças... Esse era o mundo de Harry e o seu reinado; e era o mundo dos sonhos della, porque ali se achavam o amor, a felicidade, a vida.

Vida mundana! Veneno enervante, seductor, cheio de esteril attracção, coquette inimiga da paz! E ella permanecia nesse meio noites inteiras, sentada, e via Harry, com mulheres formosas e alegre, não porque ellas o fizessem feliz, mas porque a sua vaidade exigia que se mostrasse como um homem feliz que consegue todos os seus desejos e a quem não falta nada.

Como fazia mal á baroneza essa vaidade! E entretanto lhe era agradavel verificar como Harry era bonito, moço e fascinante. E o amor das outras mulheres inflammava dolorosamente o de Anna. E quando, depois de uma festa em que ella soffrera os tormentos dos ciumes, elle se desmanchava em elogios, com inconsciente egoismo sobre a festa que acabava de passar, então seu odio e seu desprezo igualavam o seu amor, e no seu coração chamava-o "fatuo", "tunante", e procurava punil-o com o silencio desesperado e ridiculo que ella nem percebia.

A's vezes, estendida no leito, pelas manhãs, pensava, humilhada, em todas as phrases espirituosas, todos os gracejos, e as respostas amaveis que poderia ter dito na noite anterior. Outras, esgotada de dor, chorava sobre o hombro delle: e elle procurava consolal-a com uma palavra qualquer, vazia, que a fazia envergonhar-se de lhe ter mostrado o seu soffrimento. E esse mesmo soffrimento era, o que se escondia agora, atraz do seu sorriso, emquanto as "andorinhas" cantavam.

Com os ultimos compassos estalaram, juntos, os applausos. As "andorinhas" tinham terminado e, sem se servir dos degráos, pulavam do estrado, umas com passo pesado, outras, agilmente. O barão Harry aproximou-se da moreninha, ergueu-a nos braços, levou-a até uma das mesinhas, encheu o seu copo, até transbordar, e brindou com ella, fitando-a nos olhos, com insistente sorriso.

Bebera muito; porém, sentia-se

cidas pela maioria dos letrados, os quaes não hesitam, por ignorancia ou má fé, negar qualidades literarias, dotes de estylo ao Pensador Universal.

"... Uma especie de calculo universal, ao mesmo tempo algebrico e numerico, é proprio a secundar o conjuncto da elaboração mental facilitando simultaneamente a concepção e a expressão... institui finalmente um plano para todas as composições importantes, e usei-o plenamente em todo o volume que ora acabo.

"Deve-se considerar esse plano como essencialmente inspirado na theoria subjectiva dos numeros... Relativamente a cada volume verdadeiramente susceptivel de formar um tratado distincto, convem instituir normalmente 7 capitulos, além da introducção e da conclusão, e compôr cada um de 3 partes. Nessa distribuição fundamental, que se limita a precisar e systematizar usos espontaneamente surgidos, as duas divisões comportam titulos caracteristicos, algumas vezes condensados numa só palavra. Examinada para com cada terço de qualquer capitulo, consiste a regra em dividil-o em 7 secções, compostas, cada uma, de 7 grupos de phrases, separadas pelas alineas usadas. Normalmente formada, offerece a secção, um grupo central de 7 phrases, que precedem e seguem 3 grupos de 5: a secção inicial de cada parte reduz a 3 phrases 3 de seus grupos symetricamente colocados: a secção final dá 7 phrases a cada um dos grupos extremos.

"Sob esse aspecto, a minima regra de composição approxima a prosa da regularidade poetica, a vista da minha reducção anterior do maximo de toda phrase a 2 linhas manuscriptas ou 5 impressas, isto é, 250 letras. A medida que se cumpre a preparação humana, o aperfeiçoamento da expressão suscitou prescripções mais precisas, sobretudo caracterizadas pela divisão dos cantos em estancias na população mais esthetica (a italiana). Normalmente constituidos, os grandes poemas formam 13 cantos, decompostos em partes, secções e grupos como os meus capitulos, salvo a inteira igualdade dos grupos e das secções: substituindo o verso á phrase, essa extensão equivale á da principal epopéa (a Divina Comedia. Comtudo, a differença da estructura assim regulada entre os volumes poeticos e os tomos philosophicos é mais apparente do que real, por quanto a introducção e a conclusão de um poema devem, cada uma, comprehender 3 dos seus 13 cantos...

(Conc. na pag. seguinte)

---

livre contente, desembaraçado. Em frente á sua mesa, no outro extremo da sala, achava-se a baroneza Anna. Esta conversava machinalmente, presa de uma dolorosa tensão; seu espirito estava ausente, e estendia, ávida, o ouvido ás risadas que se elevavam daquella mesa, e espiava cada movimento, cada gesto.

Uma ou duas vezes pareceu-lhe encontrar o olhar da pequena "andorinha". Conhecia-a? Sabia essa moça quem era ella? A baroneza achava muito linda a moreninha; achava-a seductora, e perdoaria a Harry se a amasse.

A pequena "andorinha" se chamava Emmy, e de facto era bonita, com seus bellos cabellos negros, os olhos grandes e os braços morenos e torneados; mas o mais lindo que tinha eram os hombros, de uma graça indizivel. Uma luta se travou entre elles; o barão Harry queria se apoderar do chale da "andorinha", para impedir que ella cobrisse com elle esses hombros, e se esforçava para o reter.

A baroneza já não falava. O desespero e o ciume pesavam-lhe tanto sobre o coração, que já não tinha forças para continuar a farsa.

Olhou o marido. Aquella brincadeira ia longe demais; todos riam. Harry inventara uma nova brincadeira, uma nova especie de luta: obstinava-se em fazer uma troca de aneis com a "andorinha"; apertava-lhe os joelhos com os delle; mantinha-a recostada na cadeira, emquanto procurava segurar-lhe a mão e abrir-lhe o punho fortemente. Conseguiu-o, afinal. Entre os ruidosos applausos da reunião, tirou-lhe cerimoniosamente o anel, e, triumphante, poz-lhe a sua propria alliança.

Então, a baroneza Anna se levantou. A colera e a dor, o desejo de occultar na escuridão o soffrimento, o sentimento da sua nullidade, o desejo desesperado de castigal-o com um escandalo e attrahir a sua attenção por qualquer meio dominaram-na.

Seu movimento causou sensação. Trocaram-se olhares; alguem chamou em voz alta Harry: o ruido se acalmou.

— O senhor é um grande grosseiro! — gritou a "andorinha" ao barão Harry, repellindo-o. O senhor é um grosseiro!

E, de um salto, alcançou a baroneza junto á porta.

— Perdão — disse-lhe, em voz muito baixa, como se somente ella fosse digna de a ouvir. Aqui está o anel.

Ao mesmo tempo, punha o anel de Harry na mão da baroneza Anna. E, de repente, a baroneza sentiu sobre a mão o rosto da moça e a pressão de um beijo cálido e terno.

— Perdão — murmurou uma vez mais a "andorinha".

E fugiu.

Mas a baroneza já estava fóra, no escuro, aturdida ainda.

E todo soffrimento fugiu della; e um sentimento doce, cálido, uma felicidade indefinivel a fez fechar os olhos.

Continuava immovel, de pé, consolada e vingada por esse beijo de uma pequena vagabunda.

NOTAS DE ARTE

(CONCLUSÃO)

"Depois de haver caracterizado bastante a constituição numérica do volume normal, convém directamente explicar-lhe a das secções, dos grupos ou estancias, e das phrases. Reduzindo cada phrase á inicial da sua primeira palavra, e cada grupo á da sua primeira phrase, represento cada secção por uma palavra de 7 letras, cada uma das quaes se torna a inicial da palavra que determina um dos grupos correspondentes. Na escolha dessas palavras, admitto igualmente os verbos e os nomes, tanto adjectivos como subsaantivos: são estes, segundo os casos, abstractos ou concretos, individuaes ou collectivos: podem todos emanar indifferentemente das cinco linguas occidentaes que possuo (francez, italiano, espanhol, inglez eallemão). Examinadas quanto á sua estructura, as palavras próprias ás secções devem sempre offerecer letras distinctas e necessarias, a menos que não sejam concretas, e sobretudo pessoaes; para com os grupos, essa dupla condição não é indispensável, embora a tenha sempre cumprido, tanto quanto possível... Toda a efficacia do methodo repousa na escolha das duas especies de palavras, que devem sempre offerecer uma significação synthetica ou sympathica, e referir-se, o mais possível, á secção ou parte correspondente. Ella exige que esses títulos sejam tanto pronunciados como escriptos; applicando o Espaço a essa dupla representação, onde a impressão phonica completa o effeito graphico, segundo o exemplo espontaneamente offerecido pelos poetas aos philosophos.

"...os nomes concretos, tanto collectivos como individuaes, são ordináriameste preferíveis, como sendo mais syntheticos e sympathicos... Toda a coordenação das secções consiste em fazêl-as succeder segundo iniciaes fixas, alphabeticamente consecutivas, salvo as letras pouco favoraveis: tomo A, B, C, D, F, G, H, para o interior de qualquer volume; L, M, P, R, S, T, V, para a introducção e a conclusão...

"Estudada historicamente, essa instituição não é tão desprovida de antecedentes quanto a principio parece. O pae da historia grega (Herodoto) fornece o primeiro esboço, consagrando ás differentes musas as diversas partes da sua grande composição. A toda digna dedicatória pertence um officio equivalente para com o conjuncto da obra que ella inaugura; meu regimen systematiza e desenvolve esse uso, applicando-o a cada grão de elaboração, depois de haver completado o concreto pelo abstracto. Devemos emfim notar a pratica espontaneamente commum a todas as literaturas, sobretudo modernas, em que, nas pequenas composições, os poetas subordinam muitas vezes a successão das iniciaes de seus versos á das letras de um nome honrado...

"Estendido aos sete idiomas occidentaes, antigos e modernos (fr., it., esp., ingl., all., lal, gr.), pela obrigação de evitar as repetições, primeiro entre os grupos de um mesmo capitulo, e sobretudo entre as secções de um mesmo volume, esse methodo desenvolve as sympathias occidentaes e prepara a lingua universal.

"Embora tendo surgido primeiro para a elaboração philosophica, tal instituição convém mais á composição poética, mais apta a desenvolver a efficacia mental do sentimento, e naturalmente disposta a se regularisar. Examinado sob tal aspecto, esse regimen deve então absorver a lei da rima, principal caracter da versificação moderna, e primeira fonte de seus diversos aperfeiçoamentos geraes. As estancias ou grupos tendo para o futuro 7 versos, a sua estructura e a sua successão combinarão os dois modos proprios á epopéa italiana, alliando a unidade da oitava com a continuidade do terceto, pelo cruzamento das rimas e o encadeamento das estrophes. Sempre o primeiro verso de uma estancia rima com o ultimo da precedente, cujas duas consonancias são igualmente repetidas no conjuncto de tres estrophes, onde a consecutividade compensa a alternativa: o encadeamento abraça todas as secções de um mesmo canto." (*Synthèse*, I, 755|760; *Letre á Sabatier*, in *Letres á Divers*, t. I 2em partie, pag. 370).

Embora Aug. Comte reconheça que a sua technica literaria, as suas regras de composição poetica e philosophica só devam ser empregadas por "almas capazes de apreciar-lhes a efficacia sem temer-lhes o rigor", por "grandes intelligencias fortemente preparadas" — todavia, dada a situação actual da propaganda positivista, parece que, infringindo embora a letra, não se infringe o espirito dos ensino do Philosopho quando se vulgariza aquellas regras, não só para que seja bem conhecida mais uma concepção original delle, como tambem para suscitar-lhes, a titulo de simples ensaio, úteis applicações. Parece-nos mesmo que não seria contrariar a palavra do Mestre se se extrahisse da sua obra philosophica um opusculo sobre a composição literaria em prosa ou verso. Teríamos então a *Poética* de Aug. Comte, como já temos a *Poética* de Aristóteles. O Comte antigo ainda mais se irmanaria com o Aristóteles moderno...

Oscar d'Alva

P. S. — Entre as grandes manifestações de arte que se annunciam para a próxima estação, figuram os concertos da Orchestra Villa-Lobos e os do Orpheão de Professores, todos sob a direcção artistica do famoso compositor patricio, Heitor Villa Lobos.

Nos 5 concertos da Orchestra figuram obras de Beethoven, Wagner, Brahm, Bach, Strauss, Ravel, Strawinsky, Florent Schmith, Gershwin, Cherubini, Coppola, Carlos Gomes, Miguez, Nepomuceno, Mignone, Villa Lobos. Serão solistas, o pianista João de Souza Lima, o violoncelista Iberê Gomes Grosso e a cantora Abigail Parecis.

Nos 5 concertos do Orpheão ouvir-se-ão, alem de autores anonymos, Palestrina, Bach, Haydn, Mozart, Rameau, Beethoven, Chopin, Verdi, Debussy, Monteverde, Marcello, Gluck, Mendelssohn, Moussorgsky, Antoliseu, Orlando Lassus, Pergoleso, Vogliani, Schumann, Brahms, Bento, Carissimi, Martini, Haendel, Pe. José Mauricio, Carlos Gomes, Nepomuceno, Francisco Braga, Glauco Velasquez, Barroso Neto, H. Oswald, Homero Barreto, J. Octaviano, Armando Lessa, Duque Bicalho, Lorenzo Fernandes, L. Gallet, Villa Lobos, Celeste Jaguaribe, Lucilia Guimarães. Entre todas as composições annunciadas destaquemos a celebre Missa Solemne, de Beethoven.

Dados os nomes da grande maioria dos compositores e o reconhecido valor dos interpretes, é de esperar sejam bellas e applaudidas festas musicaes os 10 concertos da Orchestra Villa Lobos e do Orpheão de Professores.

O. d'A.

A PRIMEIRA MULHER

A sombra vinha descendo, negra como as pennas do corvo, ao paraiso. O homem, sem que tivesse com quem trocar palavra, dormia. Durante o somno, aos beijos das brisas, os genios depuzeram em seus labios entreabertos um favo de mel — gracioso emblema da eloquencia. As flèchas do sol, descendo inclinadas, vinham desenhando por todos os cantos as trémulas e rendadas sombras das folhas; os bosques, em leves balanços, moviam as tranças floridas; as vagas se quebravam em brancos soluços, e as grutas repetiam os miseréres da tarde, que se esbotava na morbidez graciosa das levantinas. Subito, começára a tremer o coração da terra. A sombra pausada descêra repleta de estrellas, como as que sopésam os vagalumes. O Creador viéra ao retiro e, pouco depois, de uma costella do homem tirára a bonéca, o delicioso pedacinho da genese: o coração de sêda para o amôr, o pensamento para a fantasia e os labios para a musica do beijo. Assim surgira na ribalta mundana o lindo camelеão que, a cada passo, muda as côres, cujas doces palavras fazem lembrar as ambrosias biblicas, e cujo primeiro olhar fôra para as rubras varetas da ventarola do sol. Depois que retirára os olhos das cortinas do espaço vira nos caminhos romanescos, onde as arvores vergavam ao peso dos fructos loiros, como que se estreitando em longo abraço, o que lhe fôra dado para companheiro, como um pássaro assustado. E o homem não pudéra dissimular o assombro que lhe causára a sublime realidade que, mais tarde, o levaria, conturbado, á suprema ventura: em plena nudez, como a deusa que nascêra das espumas marinhas; o pescoço branco como o collo de uma garça; a fronte velludosa como o fructo da macieira, e o fulvo cabello como um "peplum" descido pelas largas espaduas. Nas vastas aléas, ao constante cahir das folhas amarellas, as borboletas, ao mover das antenas, lançavam um pollen doirado. Do loiro banho da matina ao roxo féretro da tarde era sentido o perfume dos carbunculos vermelhos, que se queimam nas camaras das sultanas.

Coração de mulher, o "barro animado" nunca tentará levantar a ponta do véu que envolve as coisas divinas.

E ficará em segredo o nascimento da linda Flor que, para os beijos do companheiro, não vivêra, como outras flores — bem curta vida.

HENRIQUE REBELLO

O DENTISTA FALSARIO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

CAPITULO I

UM CAIXEIRO DO BANCO DE INGLATERRA NUNCA SE ENGANA

Junto dos numerosos guichets do Banco de Inglaterra, havia muitissimas pessoas, e, entre ellas, um homem de aspecto singular, de cabello já grisalho. Pelo trajar, e pelos modos, lembrava um mediano burguez.

As compridas abas da sua sobrecasaca côr de chocolate, fluctuavam flacidas, e elle, batia impaciente no chão com a bengala de grosso castão de prata, clamando:

— Não ha que ver! Tem a gente de esperar aqui uma eternidade! Isto realmente leva-nos a crer que este famosos cofres não possuem vintem!

— V. ex. pretende? perguntou-lhe por fim, um encarregado da vigilancia e manutenção da ordem. Tem alguma coisa a reclamar?

— Reclamar? Não me faltam motivos para isso! "Apresentei um cheque, e ha quatro bons minutos que espero pelo meu dinheiro!

"Quatro minutos! pouco menos de uma eternidade, já disse.

— Não é tanto assim, peço perdão. Se olhar para toda esta gente, verá que não é o unico a esperar.

"Quatro minutos não são lá grande coisa, se tivermos em consideração o tempo que o cheque leva a conferir para se julgar da sua authenticidade.

— A sua authenticidade! Ora já se viu uma coisa assim!...

Então você toma Charles Knox por um ladrão? Se eu apresento um cheque, é porque elle é bom, authentico!

— E a quanto monta a quantia que tem de receber?

— Isso não é da sua conta, meu caro senhor. Mas se faz grande empenho em saber, é um cheque de cento e vinte libras.

— Ora ahi está! Uma miseria para o Banco de Inglaterra disse o vigilante a rir. Cento e vinte libras! Não ha duvida; espere socegado que lhe chamem pelo nome, e não tardará que tenha as suas cento e vinte libras na mão.

— Muito obrigado pelo excellente conselho, mil vezes obrigado! respondeu Charles Knox, fazendo-se vermelho até á raiz dos cabellos.

Se fosse só esperar... E o calor que aqui faz! Nunca senti uma temperaturasinha assim!

— Acha? Pois todos estes cavalheiros se queixam justamente do contrario.

— Importa-me bem pouco com esses cavalheiros. Se tem sangue de peixe nas veias, eu é que não posso supportar isto! Abra essas janellas, faça favor.

— Não posso; é rigorasemtne prohibido...

"As janellas do Banco de Inglaterra não se devem abrir sinão depois de concluidas todas as operações de cambio.

— E eu desejo que as abra! gritou Knox batendo com a bengala numa mesa, de modo, que saltaram os papeis que estavam em cima. Sou cidadão inglez e quero respirar á minha vontade.

— Este homem é doido, murmurou o vigilante, voltando as costas ao irrascivel freguez.

— Grosseirão! incivil! exclamou Knox, avançando para elle.

Mas o outro limitou-se a encolher os hombros e a sorrir.

Na sua vida de empregado, não eram poucos os casos phenomenaes que lhe tinham acontecido com sujeitos de todo o mundo, que frequentam o Banco. Sabia conservar o sangue frio em todas as occasiões difficeis.

Alem disso, a irritação de Knox bem depressa deixou de ter razão de ser. A voz do caixeiro proferiu por detraz de um dos guichets:

— Charles Knox!

— Presente, respondeu o homem da sobrecasaca côr de chocolate.

Dêem-me licença! Deixem-me passar!... Bem veem que me chamam. Ir adeante de mim, para que?

O homem magro e elegante com quem Knox falava murmurou por entre dentes qualquer coisa, que, com certeza, não era um cumprimento.

Knox aproximou-se do guichet.

— E' o senhor Charles Knox, perguntou o caixeiro.

— Se sabe o meu nome, ha de saber tambem que sou Charles Knox, confeiteiro, Cable-street. Quanto tem que receber?

— Cento e vinte libras.

— Quer em ouro ou em papel?

— Receberei o que me derem. O que eu quero, principalmente, é sahir deste forno. Aqui morre-se de calor, apre!

— Então, papel. Cento e vinte libras, gritou o caixeiro. Tenha a bondade de retirar-se. Quem segue?

— Alto lá! Primeiro, ha de dar-me licença que conte o dinheiro que me dá, disse o confeiteiro, em tom azedo. Talvez cuide que sou uma creança que se contenta com o que se lhe mette na mão? Dez, vinte, trinta, quarenta, sessenta, cem, cento e vinte! Ah! é isso: dá-me dez libras a mais!

— Perdão!... o senhor provavelmente contou mal, observou o caixeiro. O Banco de Inglaterra nunca se engana!

— Nunca? gritou Charles Knox, desabotoando a sobrecasaca. Conte lá bem isso, que ha de encontrar cento e trinta libras. Se tem a vista curta, use oculos de baeta! Quanto está ahi?

— Cento e trinta libras, respondeu o caixeiro.

— Quando devem ser cento e vinte... Deu-me, por consequencia, dez libras a mais.

— Não, senhor. O que lhe dei foram cento e vinte. A nota de dez libras é que eu não dei; e, demais, desse ella lá donde viesse, não quero saber disso! Estamos entendidos, não é assim?

— Estaremos, depois do senhor receber a nota.

— Perdão! a nota é sua.

— Quer, nesse caso, presentear-me com dez libras! disse o confeiteiro, fazendo-se vermelho como um pimentão. A mim! Um rico confeiteiro de Londres! Saiba que eu sou cidadão inglez, e não acceito presentes de ninguem.

— E eu sou caixeiro do Banco de Inglaterra, e nunca me engano, a contar dinheiro. Peço-lhe...

— Vou já, já, fazer uma reclamação.

— Está no seu direito.

— Leve-me ao governador! Então, não querem ver isto! querem que acceite dez libras, que me não pertencem! Onde está o governador?

— Smith, conduza este senhor. Quem segue? O incidente acabou.

— E' melhor o senhor Knox, disse o vigilante no fim da contenda, ficar com a nota. Ir agora incommodar o governador por semelhante insignificancia! Beba isso de cerveja, e deixe lá o homem com a sua teima!

Charles Knox olhou para o vigilante como querendo engulil-o. Depois, disse:

— Leve-me ao governador. E, quanto ao senhor, nem mais palavra. Veremos se um cidadão inglez não póde conseguir que se faça justiça. Julga que o governador recusará ouvir-me?

— O governador recebe toda a gente á sua presença.

— Então, vamos! Que está você para ahi espetado como um pinheiro?

— Forte bruto! rosnou o empregado. Vamos lá acima. Que faria se recebesse cem libras de... menos!

E conduziu Knox, que o seguia em passos gymnasticos, a um corredor do gigantesco edificio do Banco. Dahi, por uma escada atapetada, chegaram a uma vasta sala, onde se encontravam reunidos uns quarenta sujeitos, elegantemente vestidos, e, quasi todos, sobraçando grandes pastas, que vinham falar com o governador do maior banco do mundo.

— Diga-me cá, vigilante, parece-lhe que teremos de esperar muito tempo? Olhe que eu quero apresentar a minha reclamação.

— Estou ás suas ordens, senhor, disse um rapaz dirigindo-se-lhe.

Depois, despedindo o vigilante, continuou:

— Sou um dos secretario do senhor governador e peço-lhe que exponha o que deseja. Se for possivel, a sua reclamação terá immediato despacho.

A unica resposta de Knox foi um sorriso ironico.

— O senhor? Cuida que isto é coisa da sua competencia? Desde que existe o Banco de Inglaterra, nunca negocio tão importante aqui se tratou, ouviu?

— Nesse caso, vá falar com o senhor governador, respondeu o secretario, dando meia volta.

Knox teve que esperar um pouco.

Por ali a passeiar, matou o tempo, observando toda aquella gente, que parecia interessar-lhe multissimo.

O secretario estava sentado a uma mesa, e estudava conscienciosamente um processo qualquer. Era um bello rapaz, alto, de feições regulares, um tanto pallido, de bigode fino e loiro.

De repente abriu-se a porta e uma mulher elegante, de véo pelo rosto, entrou na sala de espera.

Quando a viu, o secretario levantou-se, caminhou para ella, e puzeram-se os dois a falar.

Nesse instante, outra porta se abriu, e um homem alto, de barba branca appareceu na companhia de outro, a quem o primeiro parecia tratar com extremas attenções e deferencias.

(Cont. na pag. seguinte)

— Por quem é, senhor governador! é muita honra acompanhar-me até aqui! Não se incommode...

— Não faço sinão o meu dever, senhor ministro... Permitta-me que lhe apresente votos cordiaes pela saude de v. ex. e confirme a certeza de que os interesses do Brasil estão em boas mãos.

E o governador, apertando a mão do ministro, ia voltar para o seu gabinete, quando avistou o secretario e a joven.

Antes do graduado funccionario pronunciar uma unica palavra, o secretario foi direito a elle, inclinou-se, e disse desculpando-se:

— Minha irmã, senhor governador.

Este, perfeito homem do mundo, inclinou-se perante a joven, que levantara o véo e mostrava um rosto de surprehendente belleza.

O govenador entrou no seu gabinete.

Esperavam que Charles Knox corresse a seguil-o. Mas, não; aproximou-se da porta, revolveu a algibeira e tirou um pequeno objecto que escondeu na mão.

A conversa entre o secretario e a irmã acabara, e ella ia sahir.

Mas, quando já se encontrava entre portas para o fazer, Charles Knox, caminhou para ella e disse, abrindo a bocca num sorriso:

— Queira desculpar, minha senhora, mas tem as costas cheias de cal... Dê-me licença que a limpe. E' vergonha sahir desse modo do Banco de Inglaterra...

E, antes della ter tempo de oppor-se já Knox lhe batia no casaco, fazendo-lhe uma cruz na roupa, com um bocado de giz que tinha na mão.

— Peço-lhe que me não agradeça, miss, disse elle, recuando e fazendo muitas mesuras.

O que fiz, é por mim, porque, não ha coisa que me faça mais zangar do que ver uma nodoa na roupa. Chamo-me Charles Knox, confeiteiro, Cable-street. V. ex. por força que já comeu dos meus confeitos.

— E' um homem muito extraordinario, este! disse ella em segredo ao irmão.

O secretario só levantou os hombros, e, nas costas de Knox, franziu o rosto de modo significativo.

— Ficamos entendidos, disse-lhe elle; esta noite.

— Esta noite... Caluda... nem mais palavra... Quem sabe...

A rapariga sahiu.

que espero. O governador vai lá para onde lhe pa-

— Então, e eu, senhor secretario? Ha uma hora que espero. O governador vae lá para onde lhe parece, e um cidadão inglez, que tem uma reclamação para apresentar, não pode ser attendido?

— Vou annuncial-o. Até agora, o governador tem estado occupado com o ministro do Brasil.

— E quem disse ao senhor que não sou ministro tambem?

O Brasil, que grande paiz!

Para se ver livre daquelle individuo, o secretario foi ao gabinete do governador e voltou em seguida.

— Senhor Charles Knox, o senhor governador espera-o.

— Ah! até que emfim! exclamou Knox, tornando a abotoar a sobre-casaca. Já não é sem tempo! Diga-me ! ásenhor secretario: que tratamento se dá ao govenador?

— Mylord.

— E a quem tenho a honra de estar falando?

— William Brocks.

— Ah E' talvez o filho do velho Brocks, que um dia, na Fulton-street...

— Não, não... Meu pae é, como eu, empregado no Banco. E' um dos vinte e quatro directores.

— Ah! está porque o senhor já é secretario. Queira perdoar, dê licença que o governador chama-me. Que

CRIANÇAS

Sinite parvulus venire ad me.
JESUS CHRISTO.

Meninos endiabrados,
negrinhos sujos e de pés no chão,
meninas loiras e feiticeiras,
como vos quero de coração!

Ha nos vossos brinquedos mais modestos
o reflexo do mundo suavizado
pela graça feliz de vossos gestos:
um trem que parte, um barco que se alonga
em lago improvizado,
um automovel que passa
e, ao longe, na "cidade de mentira",
bastantes chaminés desprendendo fumaça...

Na nossa curta vida de brinquedo
o supremo prazer,
da despreoccupação.
Que bom, pequenos, si já homens feitos,

…o ser mais delicado do que elle, e não fazel-o esperar.

Um criado sem libré, mas vestido como um fidalgo, abriu a porta.

Knox entrou, fazendo entre portas, uma reverencia á antiga.

— Feche a porta, disse elle para o criado. E' capaz de me arranjar algum ataque de rheumatismo. Peço desculpa, senhor governador... Mylord, quero dizer...

E, elle mesmo fechou a porta.

O director, com modos poucos affaveis, levantou a cabeça de sobre a mesa carregada de papeis.

— Peço-lhe que seja breve, disse elle, em tom …pero e de despedir visitas. Tem alguma reclamação a fazer, não é assim?

— Queira não falar tão alto, mylord, respondeu Knox em voz baixa, tirando a mascara da ingenuidade, como por encanto. Venho ter com v. ex. sob um disfarce. Eu sou... Sherlock Holmes.

Arrancou a cabelleira grisalha e pôl-a em cima de uma cadeira, ao pé da bengala e do chapéo.

…s pudesseis trazer
…ra esta vida cheia de defeitos
…quelle dôce modo de viver!

…as a vida é uma eterna evolução:
…possivel voltar ao que já fomos
…m se haver completado
…cyclo amargurado
… nossa longa crucificação.

…sim nos basta o encanto de querer-vos
… de podermos reviver em vós,
…m culto de serena idolatria,
…a existencia inteira,
…sclada de pesar e de alegria.

…ninos endiabrados,
…rinhos sujos e de pés no chão,
…ninas loiras e feiticeiras,
… vossos pés meu coração depuz,
…não me estranho pelo que vos quero,
…a vossa graça seduziu Jesus!

Horta de Macedo

CAPITULO II

A CRUZ DE GIZ

— Tenho que lhe pedir desculpa, mylord, continuou Sherlock Holmes, de ter empregado este processo para chegar até v. ex. Mas, é coisa muito sabida que toda a gente que tem alguma reclamação a fazer por questão de dinheiro é immediatamente introduzido á sua presença, sem longas esperas.

— Muito gosto em conhecel-o, respondeu o governador, estendendo a mão. Mas não atino com o fim de sua visita...

— Simplesmente, esta questão importantissima da moeda falsa, que inunda Londres neste momento, bem como toda a Inglaterra — e que o Banco de Londres põe em circulação.

— Não deixa de ser infelizmente verdade isso que me diz. Ha muito tempo que estou ao corrente... A minha policia por ahi anda á cata dos criminosos.

— Ah! ah! E, se não me engano, ainda não descobriu nada?

— Exacto...

— Pois eu interesso-me pelo negocio, mylord. Tenho estudado o caso, e fiz uma descoberta que lhe respeita.

— Diga lá isso já exclamou o governador. Posso affirmar-lhe que lhe ficaremos infinitamente gratos e eternamente reconhecidos, se puder livrar-nos deste problema.

— E' exactamente para isso que aqui estou, mylord. Mas, v. ex. bem comprehende que nada posso ainda revelar da minha descoberta, e que não vim sinão para pedir-lhe o obsequio de dar-me alguns esclarecimentos, se isso o não incommodar muito.

— Queira sentar-se, senhor Holmes, e aqui me tem ás suas ordens para o que fôr preciso. Ha tempo para tudo.

— Serei breve por saber que v. ex. tem muito que fazer. Desde quando verificou que ha moeda falsa na circulação?

— Ha tres mezes.

Naturalmente, não podemos verificar todas as moedas que entram no Banco.

Mas, fazemos isso: de mil moedas de ouro que chegam tiramos duas ou tres, que vão á balança de precisão e soffrem exames microscopicos.

Noutro tempo, o Banco estava ao abrigo de toda e qualquer suspeita, porque os falsarios eram grosseiros na sua obra. Mas hoje chegaram a um tal grão de apuro e perfeição, que o Banco se encontra indefeso.

— Conheço isso, perfeitamente, respondeu Sher-

(Cont. na pag. seguinte)

lock Holmes. E que moedas lançam elles agora no mercado?

— Quasi que exclusivamente, as de cinco soberanos. Em geral, são as que todos elles fabricam, em razão do seu muito valor. Cada uma representa cinco libras esterlinas.

— E que differença têm das verdadeiras?

— O peso é o mesmo. Os moedeiros falsos ligam a essa qualidade grandissima importancia, porque a primeira operação de toda a gente que recebe uma moeda é experimentar-lhe o peso na mão. Conseguiram arranjar o mesmo peso com uma liga mais barata.

O que elles têm é a machina de vasar muito grossa. Temos notado que o córte das suas moedas não é tão exacto como o nosso.

— Quer ter a bondade de dar-me alguns esclarecimentos sobre a maneira porque, aqui, guardam os depositos de ouro amoedado?

— Provavelmente, o senhor sabe — é coisa universalmente conhecida — que a nossa enorme porção de dinheiro em caixa, quer dos fundos que administramos, quer, propriamente haveres do Banco, está em depositos subterraneos.

Nesses quartos, ha immensos armarios de ferro, onde mettemos ouro e notas.

As enormes quantias de que, todos os dias necessitamos, vêm em vagonetes.

— Ha de naturalmente, haver um empregado que assiste á operação?

— Não ha um, ha muitos.

Um director para as notas, um para o ouro, e outro para a prata.

— Esses senhores possuem de certo, as chaves dos armarios?

— Certamente. Mas devo accrescentar que cada uma dessas fechaduras não se pode abrir sinão com ajuda de uma combinação, que só é conhecida do director interessado. Assim, eu não poderei abrir uma das fechaduras, porque não conheço a combinação. Cada vez que se muda de combinação, cada director deve escrever e metter em sobrescripto sellado a que escolheu.

— E onde estão esses sobrescriptos?

— Em meu poder, respondeu o director. Quando ha uma nova, verifico se o sobrescripto sellado, que contém a precedente, está intacto; queimo-o sem della tomar conhecimento, e guardo a seguinte.

— Já se vê que esses directores estão acima de toda a suspeita!

— Já se vê. Além disso, para os salvar de tentações percebem grandes ordenados.

— Faz favor de dizer-me quem é, actualmente, o director encarregado do dinheiro em ouro?

— Com muito gosto: o sr. Brocks.

— Ah! O secretario, que está na sala de espera!

— Não; esse, é o senhor William Brocks, filho do director, Edward Brocks.

Tomamos, de preferencia, para os logares vagos, os filhos dos nossos empregados.

O Banco pode deste modo recompensar os serviços prestados pelos paes; e, alem disso creamos verdadeiras familias de funccionarios, devotados de corpo e alma aos nossos interesses.

— O senhor governador pensa que a moeda falsa que actualmente inunda a Inglaterra, vem de fóra; Pois, é necessario que v. ex. comprehenda isto: o Banco dá moeda boa pela falsa, que lhe vem do exterior.

— Não é outra coisa, respondeu o governador. Reflicta um pouco, sr. Sherlock Holmes. Toda a administração monetaria ingleza está concentrada nas nossas mãos. A nossa moeda é rigorosamente conferida e todo esse serviço se faz na melhor ordem. Pelo contrario, por muito grande que seja a pratica dos nossos caixeiros, não se pode impedir que entrem nas nossas caixas algumas moedas falsas, isto devido á rapidez com que é feito o serviço diario.

— Visto isso, permitta-me v. ex. uma reflexão suggerida pelo que acaba de dizer-me: parece que o Banco de Inglaterra desempenha o papel de intermediario entre os moedeiros falsos e o publico!

— Ah! exclamou o governador, que quer dizer com isso?

— Digo que toda a moeda falsa em circulação sae do Banco!

Ainda uma pergunta: como é que o Banco inglez guarda o dinheiro?

— Dir-lhe-ei, primeiro, que o fabrico do dinheiro em ouro é feito aqui. Agora responderei á sua pergunta: as peças de ouro são mettidas em saccos de

mil peças de cinco soberanos, cada, que, depois, são transportados para os subterraneos.

— De que modo verifica o empregado que os saccos contêm, realmente cinco mil soberanos?

— Pesando-os e verificando novamente isto é abrindo os saccos e contando as moedas.

— Muito obrigado, senhor governador. Sei o bastante.

— Oh! quem nos dera que chegasse a um resultado favoravel! O Banco prometteu um premio a quem descobrisse o culpado!

— Muito bem: preciso que v. ex. me autorise a passar uma noite nos subterraneos do Banco, não para lá dormir, já se vê, mas, para vigiar.

— Autorizo tudo que possa auxiliar as suas investigações. Mas, permitta-me que lhe diga, que esse meio não dará resultado.

— Porque, senhor governador?

— Porque, todas as noites lá passam uns quantos policiaes, nossos, armados de revolveres, a espreitar.

— E v. ex. crê que não verei um pouco mais do que elles? Nesse caso não falemos mais nisso!

— Longe de mim tal pensamento. Mas a sua presença nesse sitio não será uma prevenção para os criminosos?

— Seria, certamente, se eu não pensasse num modo de escapar á vista da sua policia, e dos seus empregados.

— Vejamos o seu projecto, para podermos ficar de accordo.

— E' simples. V. ex. diz ao funccionario competente que o Banco recebeu ordem de esconder, precisamente no deposito do ouro, uma caixa de papeis secretos.

Eu virei dentro dessa caixa e lá passarei a noite!

— Se quer sujeitar-se ao incommodo, concedido. Mas, repito, verá que não descobre nada!

— Emfim, está, ou não, de pé a nossa convenção?

— Sempre, sr. Holmes.

— Então, peço a v. ex. que mande preparar uma caixa em que eu caiba á vontade, e espalhar, amanhã pela manhã, o boato de que os taes papeis secretos vão ser mettidos ahi. A que horas fecha o Banco?

— A's cinco da tarde.

— A esta hora não estão os secretarios na sala de espera?

— Não.

— Está bem. Amanhã cá estarei, e v. ex. fará favor de mandar a caixa para o sitio combinado.

— Está dito. Já lhe disse que lhe ficarei muito reconhecido se chegar a descobrir qualquer coisa e que o Banco, excusado é dizer, saberá manifestar a sua gratidão de um modo muito... expressivo.

Os dois homens apertaram-se as mãos.

Depois, Holmes pegou no chinó, na bengala e no chapeu de Charles Knox, e disse á porta, em voz muito alta:

— Agradecido, senhor governador. Fica combinado: um simples lembrete ao caixeiro, e mais nada!

Quanto á nota que me deram a mais, eu a empreguei em uma obra de caridade! Um seu criado, mylord!

Sherlock Holmes atravessou a sala de espera. Mas, parou ao pé do secretario, e batendo-lhe no hombro, disse:

— O governador é um cavalheiro ás direitas, deu-me razão logo. Trate o senhor de lhe seguir as pisadas!

E o phenomeno da sobrecasaca côr de chocolate foi-se.

Desceu depressa a escada, e sahiu do Banco pela porta que dá para a Bishopsgate street.

Foi pela rua fóra, e, chegando ao canto da Church-street, parou, junto de um rapazinho vendedor de jornaes. Pegou-lhe no braço e levou-o para a rua lateral, provavelmente para infligir-lhe uma boa correcção.

Mas, apenas se achou a sós com elle, disse-lhe em voz baixa.

— Viste a joven da cruz nas costas?

— Sim, sr. Holmes.

— Comprehendeste?

— Que era preciso seguil-a? Sim, senhor.

— E fizeste isso?

— Como a sua propria sombra.

— Para onde foi ella?

— Tomou um carro.

— E tu seguiste esse carro?

— Saltei para a trazeira, e viajei assim até Cavendish-square.

— Ah! elle mora nesse bairro? Não é muito perto daqui.

— Já se vê que não. Entrou em casa de um dentista de Cavendish-square, que se chamam Dan Harper.

(Continúa no proximo numero)

A NOITE DE 13 DE JUNHO

(Conclusão)

o concita a não seguir no trem, mas, sim, com ella, no seu auto, pois deseja falar-lhe. Como na noite anterior tivesse havido uma aberta rusga, em casa dos Strawn, entre sua mulher e Trudie, elle não vacilla em acceitar o convite. Não segue, portanto, no trem que devia chegar a Glenwood ás 6 e 10, mas no seguinte comboio, que lá chegava uma hora mais tarde ás 7 e 10.

O auto de Trudie vae pelas ruas de Nova-York, á procura da estrada que leva á casa, e emquanto viajam a rapariga explica a John o motivo daquelle chamado. Ella soubéra que o rapaz, por causa das ciumadas da mulher, queria mudar-se da cidade, e aconselha-o a não fazer tal, pois a ella, Trudie, seria mais facil ausentar-se temporariamente para o campo até que passe a má impressão reinante na vizinhança. Para isso já tirára a sua bagagem, e, deixando John perto de casa, dalli mesmo seguirá para a casa de uma tia, nas montanhas.

Quando John, despedindo-se de Trudie, vae ter á casa, encontra sua esposa morta. Perto della está a arma com que se matára. O rapaz apanha a pistola do sólo, sua propria arma, e depois dá parte pelo telephone á policia.

Encontrando-se marcas digitaes na arma, é John preso como possivel autor da morte de sua esposa. Ninguem sabe que a ciumenta senhora, desconfiada do marido, tinha visto a vizinha Trudie pôr as maletas no auto e sahir, e depois, tendo chamado o marido ao telephone, e não o encontrando no escriptorio, julga muito naturalmente, na sua excitação nervosa, que elle fôra com Trudie, — e resolve dar cabo da existencia.

No jury, deante dos depoimentos prestados pelos vizinhos, o promotor publico considera John Curry como autor da morte e pede a sua condemnação. A sra. Strawn testificára ter ouvido um tiro vindo da casa vizinha logo depois da chegada do trem das 6 e 10 — mas nada disse sobre o ter-se verificado esse facto quando ella se cusava o velho sogro de lhe haver roubado quatro dollares. Ora, si John Curry pudesse provar não ter vindo naquelle trem, mas em companhia de Trudie, demorando-se pelo caminho a tal ponto que chegára em casa depois do outro trem das 7 e 10, estaria isento de tudo, mas para tal dizer elle iria expôr a pequena a certas difficuldades... Cala-se, portanto. Por outro lado, Herbert Morrow, que falára com John antes da partida do trem das 6 e 10 (e John, ao receber o bilhete de Trudie, descêra, sem continuar a viagem), nada adeantara sobre a sua chegda em casa, onde, decerto, teria visto o vizinho em marcha para casa, mas caláre-se tambem porque nessa tarde elle saltára numa estação antes da sua, onde o esperava Ginger, para se casarem sem que as suas fmilias o soubessem.

As testemunhas, vizinhas umas das outras, conservam no seu depoimento uma parte da verdade que fica em segredo, e isso leva toda a culpa para John Curry, que corre o risco de esticar o pescoço na força.

E' nessa occasião que, lendo um jornal em que se diz da quasi certa condemnação de Curry, o velho Strawn, notando que a culpa se funda no testemunho da nóra, que diz ter ouvido o tiro através da parede de sua cozinha, contigua á da suicida, — corre ao tribunal, e, deante de todos, vingando-se abertamente da nóra, que lhe imputara um roubo feito pelo filho para o expulsar de casa, põe ás claras o incidente do tiro. Ella mentira ao dizer que o tinha ouvido da cozinha, pois nesse momento estava no sótam da casa, a altercar com o sogro...

Esta declaração do velho destróe a formação da culpa preparada pelo promotor, mas, para aclaração de tudo, a propria Trudie, tendo sabido da difficuldade em que se acha o seu amigo e ex-vizinho, vem do campo afim de testificar que John Curry, á hora em que o medico legista affirma ter fallecido a mulher, não estava nem no trem nem na cidade, mas com ella, no auto, a caminho de casa.

Tal revelação levanta grande vozerio de escandalo, na sala do tribunal, mas retira do rapaz todas as sombras de culpabilidade. Livre, agora, só lhe resta pagar a Trudie com seu amor, a vida que de todo lhe deve...

— O amigo ferreiro que, por falta de trabalho, teve que se empregar em uma sapataria...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THESOUREIRO:

Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500

Enfraquecimento dos Rins

O exito de nossa cruzada contra o ENFRAQUECIMENTO DOS RINS deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Os primeros indicios de enfraquecimento dos rins, são em geral as dôres nas costas. A dôr póde ser leve no principio, porém se não se agir immediatamente para combater a *causa*, a consequencia póde ser dias e noites de incessantes soffrimentos. Isto não é exaggero. Qualquer que soffra de Dôres Chronicas nas Costas lh'o dirá.

Renato Watson, rua Visconde de Pirajá 210, Rio de Janeiro. "Tendo recibido a amostra de suas Pilulas De Witt, é com o maior contentamento que venho, por meio desta, não só agradecer-lhes, como informar que estou completamente curado do mal dos rins que ha longos annos me fazi padecer. Usei muitos remedios sem conseguir melhora, até que respondendo ao vosso annuncio, experimentei essas maravilhosas Pilulas De Witt."

Ha mais de 40 annos que os medicos recommendam as Pilulas De Witt para as affecções dos rins e da bexiga. São um medicamento em que V. S. póde depositar toda a confiança, pois a sua acção benefica sobre os ditos orgãos é rapida e directa.

Nada custa experimentar as Pilulas De Witt; estamos tão convencidos de seus meritos que *preferimos* que V. S. as experimente sem qualquer outra despeza alem da do sello do correio de 20 reis para enviar o coupon abaixo.

Envie o coupon hoje mesmo e pela volta do correio receberá um fornecimento GRATIS para experiência.

PILULAS

DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. DeWITT & Co. Ltd. (Depto. R158),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

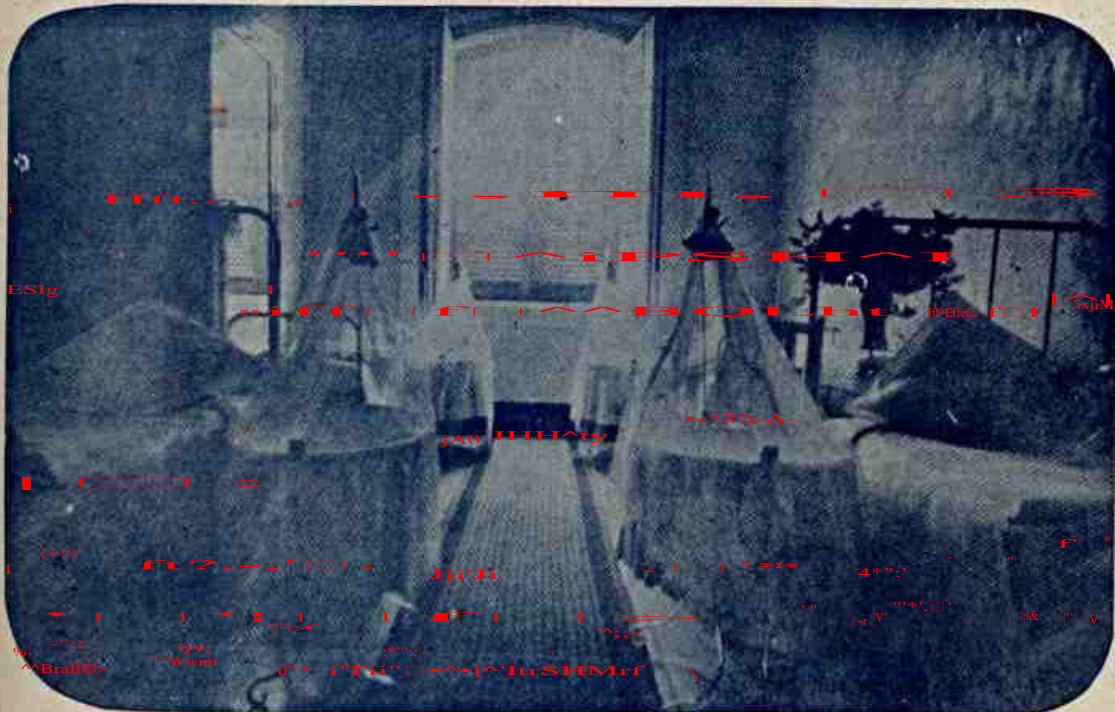
Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza
Mande em envelope aberto.....sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 800$000

R. Aristides Lobo 115 - Tel. 2-1266

A alegria do lar

A criança robusta e sã é sempre a alegria do lar—o orgulho da mãe intelligente que sabe cria-la. Para conservar essa alegria, essa saúde regorgitante, misture na mammadeira uma colherinha do verdadeiro Leite de Magnesia. Evita cólicas, mantem limpo o estomago, facilita e regulariza a digestão.

LEITE DE MAGNESIA DE

Phillips

GENUINO
LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS
MAGNESIA LIQUIDA CONCENTRADA

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

Ouvidor, 38 Rio — PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — S. Bento, 85 S. Paulo